

**Rui Forte**

**NOVOS TERRITÓRIOS INDUSTRIAIS**

Intervenção no Edifício da Fábrica Confiança e na sua envolvente

---

**Dissertação/Trabalho de Projeto**  
**Mestrado em Arquitetura**

**SETEMBRO, 2020**



**Rui Forte**

## **NOVOS TERRITÓRIOS INDUSTRIAIS**

Intervenção no Edifício da Fábrica Confiança e na sua envolvente

---

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura realizado sob a orientação científica do Professor António Barbosa.



Declaro que este Trabalho de Projeto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

---

Porto, .... de ..... de .....

---

Declaro que esta Dissertação / Relatório / Tese se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

---

Porto, .... de ..... de .....



## **RESUMO**

# **NOVOS TERRITÓRIOS INDUSTRIAIS**

Intervenção no Edifício da Fábrica Confiança e na sua envolvente

**Rui Forte**

PALAVRAS-CHAVE: Território, Indústria, Fábrica, Braga

## **RESUMO**

O presente trabalho consiste no desenvolvimento de um projeto assente na temática Novos Territórios Industriais, tendo como objetivo a proposta de intervenção na Antiga Fábrica Confiança e a sua envolvente, na cidade de Braga.

O trabalho apresenta um enquadramento teórico dos Novos Territórios Industriais, no sentido de perceber a evolução da indústria em relação ao seu posicionamento nas cidades.

Face ao retrato atual da infraestrutura industrial e da sua envolvência, é reconhecida a necessidade de intervenção de todo esse território com novos usos funcionais.

Foi desenvolvida uma proposta de intervenção apresentando um novo programa, composto por uma incubadora de indústrias, equipamentos culturais e habitacionais, que servem aquela estrutura produtiva, promovendo desta forma a revitalização urbana de todo aquele território.





## **ABSTRACT**

# **NEW INDUSTRIAL TERRITORIES**

Intervention at the Fábrica Confiança Building and its surroundings

**Rui Forte**

KEYWORDS: Territory, Industry, Factory, Braga

## **ABSTRACT**

The present work consists in the development of a project based on the theme New Industrial Territories, with the objective of proposing an intervention in the Old Confiança Factory and its surroundings, in the city of Braga.

The work presents a theoretical framework of the New Industrial Territories, in order to understand the evolution of the industry in relation of its position in the cities.

In view of the current situation of industrial infrastructure and its surroundings, the need to intervene in this territory with new functional uses is recognized.

An intervention proposal was developed presenting a new program, composed of an incubator for industries, cultural and housing equipment, which serve that productive structure, thus promoting the urban revitalization of that entire territory.



## **OBJETIVO DO TRABALHO DE PROJETO**

No âmbito do trabalho final da disciplina de Projeto V, pretendeu-se refletir sobre o tema proposto Novos territórios Industriais. Dessa forma desenvolveu-se uma proposta de intervenção para um edificado industrial devoluto, a antiga Fábrica Confiança em Braga, implantada na cidade de Braga.

Após uma análise profunda do lugar, nomeadamente a integração da fábrica com o território urbano e a relação que mantém com a sua envolvente próxima, verificou-se que a envolvente da fábrica era constituída por edifícios em ruína e pavilhões sem relevância arquitetónica. Dessa forma foi decidido em conjunto com o Orientador que a área de intervenção não seria só o edifício da Fábrica Confiança, mas também o seu espaço envolvente.

Tendo sido em tempos a Fábrica Confiança a maior e a mais importante fábrica bracarense, assim como uma das mais icónicas indústrias portuguesas, um dos objetivos seria manter as suas características intrínsecas, através da reabilitação do espaço, conservando os traços da arquitetura industrial portuguesa.

Nesse contexto, surgem as primeiras questões: Que programa funcional poderia ajustar-se às várias condicionantes da zona, que proporcionasse uma valorização de toda aquela área? Como integrar a fábrica pré-existente num projeto novo?

Outra questão surge com a extensa área de intervenção, pois sendo esta todo um quarteirão, a solução seria projetar um conjunto de edifícios, levando à questão: “Como relacionar os edifícios entre si?”

Em suma, esta dissertação tem como principais objetivos dar resposta às questões enunciadas, compreender a temática das novas indústrias nos centros urbanos e projetar e desenhar a reabilitação de um espaço e de um lugar existente, preservando a memória da Fábrica Confiança, criando postos de trabalho e revitalizar toda a área de intervenção que se encontra numa localização privilegiada na cidade de Braga.



# ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	15
METODOLOGIA .....	17
Capítulo I – OS NOVOS TERRITÓRIOS INDUSTRIAIS	
I.1.    Primeira Revolução Industrial .....	19
I.2.    Segunda Revolução Industrial .....	21
I.2.1. A partir do início do Séc. XX – Entre Guerras.....	25
I.3.    Terceira Revolução Industrial – Pós 2ª Guerra Mundial .....	29
Capítulo II – O TERRITÓRIO	
II.1.    Contexto Urbano e Histórico .....	33
II.2.    A Área de Intervenção .....	37
Capítulo III – A FÁBRICA CONFIANÇA	
III. 1.    Contexto Histórico .....	41
III. 2.    Contexto Atual.....	49
III. 3.    O Edifício .....	53
Capítulo IV – CASOS DE ESTUDO	
IV. 1.    Matadero Madrid .....	57
IV. 2.    Incubadora de Empresas do Instituto Pedro Nunes .....	63
IV. 3.    Pavilhão Suíço .....	65
Capítulo V - PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	
V.1.    A Intervenção .....	67
V.2.    O Programa.....	69
Conclusão.....	81
Bibliografia .....	85
Lista de Figuras .....	91



Figura 1 – Vista aérea Vitra Campus Weil am Rhein, Alemanha

## INTRODUÇÃO

Os espaços industriais, inicialmente construídos em zonas periféricas das cidades, procurando uma localização junto dos recursos energéticos e necessários, foram ao longo dos anos envolvidos pelo crescimento das cidades, tornando-se parte integrante do ambiente urbano. No entanto devido a este rápido desenvolvimento e crescimento urbano, uma grande parte destes espaços, não conseguiu acompanhar essa evolução, permanecendo esquecidos no espaço e no tempo, marcados pela degradação e ruína.

Gradualmente, têm vindo a conquistar o seu lugar na cidade, sendo reconhecidos como testemunhos de valor de importância histórica, de valor cultural e de qualidade arquitetónica, que se mantêm vivos na memória da população, mesmo após a sua desativação.

Hoje através de indústrias cada vez mais limpas, é possível integrar uma indústria no centro de uma cidade, através de um programa adequado perante as exigências da vida contemporânea e de sistemas ecológicos construtivos e circuitos vários compatíveis com o meio urbano.

A escolha do tema Novos Territórios Industriais, assenta no interesse do estudo destas indústrias num enquadramento citadino e das suas potencialidades enquanto elementos revitalizadores da sua envolvente, permitindo devolver estes conjuntos edificados ao seu lugar, à população e à contemporaneidade.

Neste contexto, o caso de estudo escolhido para desenvolvimento da proposta de intervenção, que se enquadra no âmbito da temática Novos Territórios Indústrias, é o Edifício da Antiga Fabrica Confiança e a sua envolvente, na medida que são reconhecidos valores históricos e arquitetónicos da fábrica, que devem ser valorizados e afirmados a nível urbano.

Assim como a envolvente, que se encontra em ruína, devoluta e com edifícios sem relevância para a sociedade, tendo uma enorme capacidade para acolher novos espaços, uma vez que é um lugar centralizado na cidade de Braga, precisando de um novo programa funcional, adequado ao território, de forma a revitalizar toda aquela área.





## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do projeto de intervenção na Antiga Fábrica Confiança e na sua envolvente, consistiu numa primeira fase numa recolha bibliográfica que aborda os seguintes temas:

Os Novos Territórios Industriais, fazendo uma análise desde a revolução industrial até aos dias de hoje. Todo este material serviu de base para elaboração deste trabalho.

O Território, através de recolha e levantamento de dados a nível histórico e fotográfico e visitas de reconhecimento ao local de intervenção. Esta parte do trabalho permitiu perceber que a área envolvente da fábrica necessitava também de um programa de intervenção, tendo sido delimitada uma nova área de intervenção e definido quais os edifícios com valor arquitetónico a preservar.

A Fábrica Confiança, para um enquadramento histórico-cultural. É recolhida informação da história da fábrica, das suas características arquitetónicas e da situação atual da mesma.

Os Casos de Estudo, com o objetivo de perceber soluções obtidas por arquitetos de referência, no âmbito dos Novos Territórios Industriais.

Numa segunda fase iniciou-se o desenvolvimento do projeto de intervenção.

A partir daí, à medida que os dados iam sendo analisados e assimilados, procurou-se uma estratégia de intervenção para aquela área e assim começaram a surgir as primeiras ideias. Estas ideias primárias foram inicialmente exploradas de uma forma livre, usando escalas de trabalho mais abrangentes, que deram origem aos primeiros esboços.

Com a consolidação de uma ideia para o projeto, fez-se uso do desenho e da maquete como ferramentas de trabalho, de modo a desenvolver uma proposta volumétrica inicial. Destas primeiras propostas, optou-se por desenvolver aquela que parecia ser a mais adequada, e a partir desta começou-se a desenvolver uma solução arquitetónica que viria a ser a final.

A partir desse momento, o desenho tornou-se a principal ferramenta de trabalho, sendo usado para consolidar as referências que iam influenciando o desenvolvimento do projeto. À medida que o trabalho ia progredindo, tornou-se necessário aplicar rigor geométrico nos desenhos que vinham a ser elaborados, e para isso recorreu-se às ferramentas de desenho assistido por computador.

O desenho assistido por computador, para além de garantir uma base geométrica acessível, permitiu também criar simulações dos primeiros modelos tridimensionais, que se tornaram um elemento complementar à maquete.

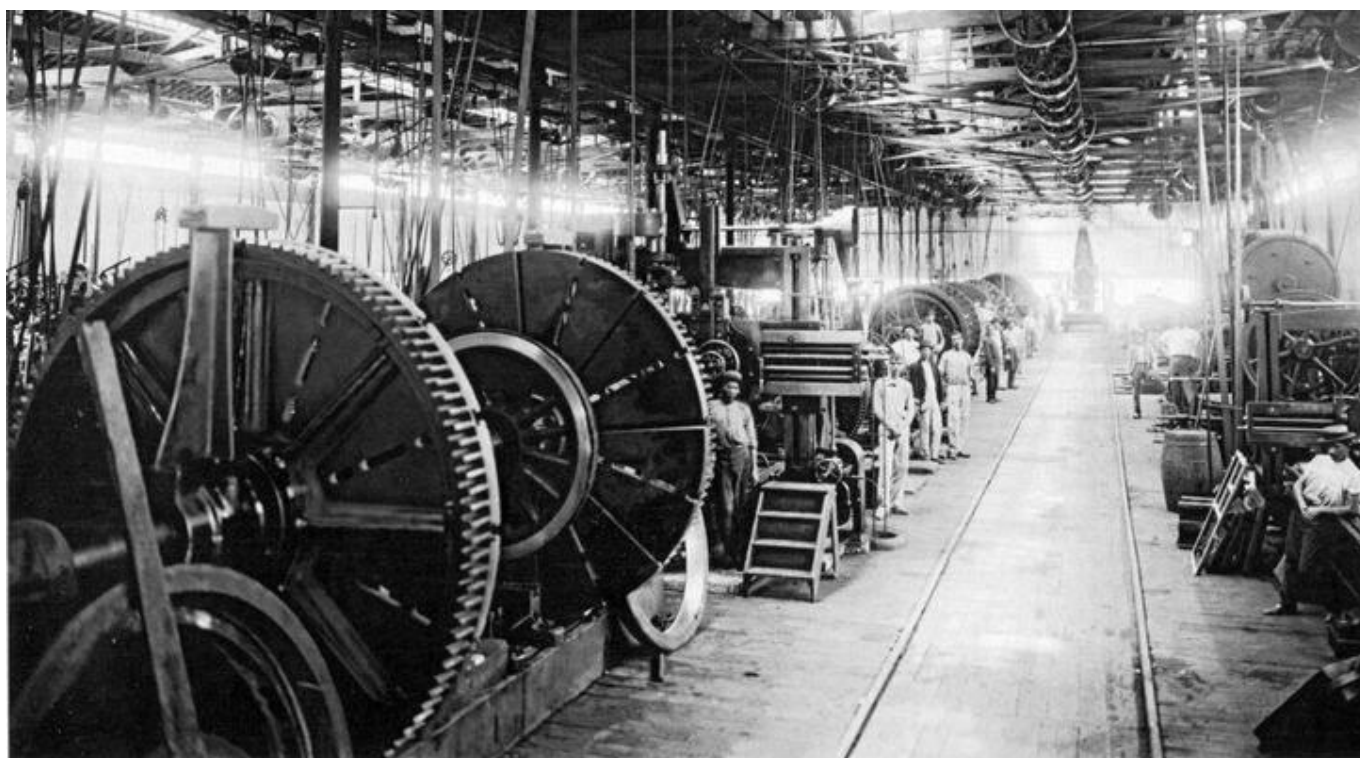


Figura 2 – Interior de fábrica na época da 1ª Revolução Industrial

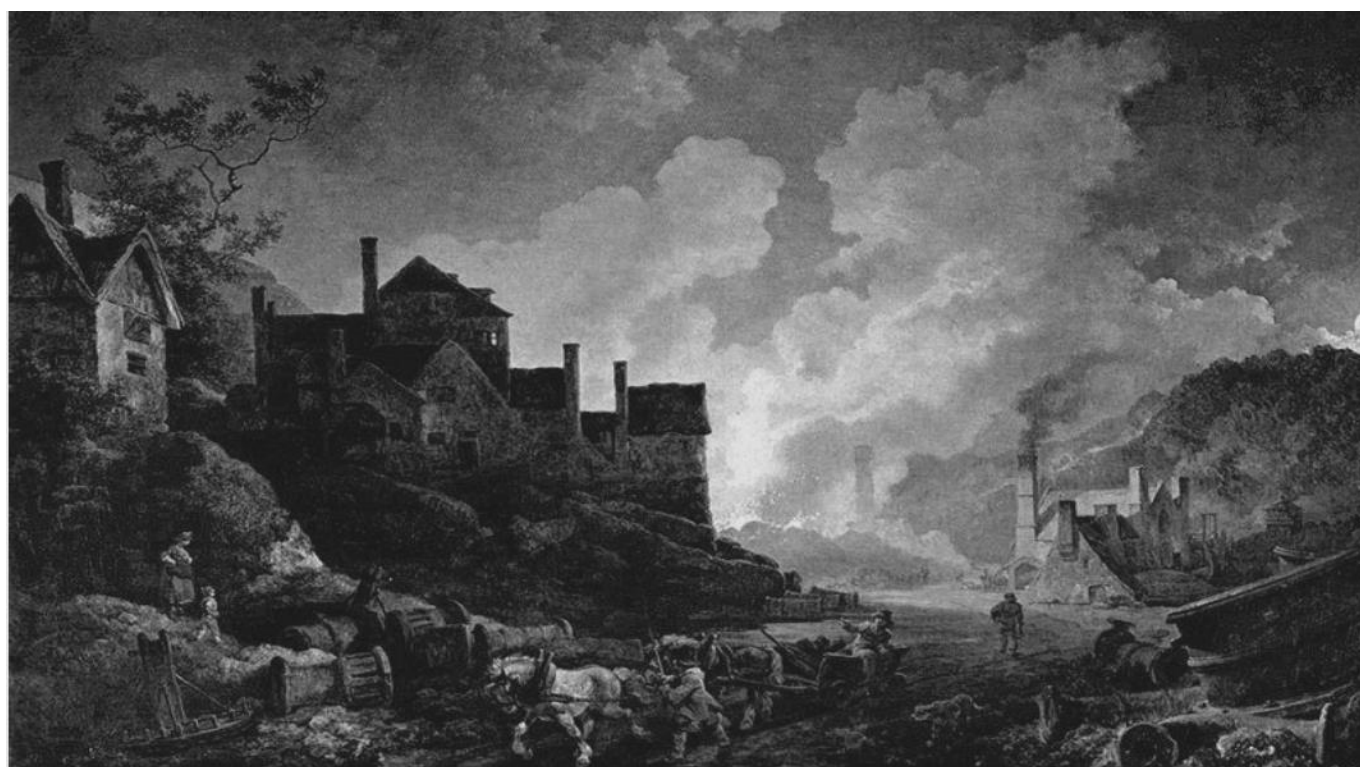


Figura 3 – Ilustração de Philipp Jakob Loutherbourg representando a cidade britânica Coalbrookdale, considerada um dos berços da Revolução Industrial

## **CAPÍTULO I – OS NOVOS TERRITÓRIOS INDUSTRIAIS**

A indústria é sem dúvida um marco bastante significativo para o urbanismo, pois o território tende a acompanhar as inovações e as necessidades do capitalismo ao longo dos tempos.

Nesse sentido, torna-se essencial analisar a configuração territorial dos sistemas industriais numa perspetiva histórica, sendo que a Revolução Industrial é compartimentada em três momentos (primeira, segunda e terceira Revolução Industrial), no entanto alguns estudiosos chegam a propor a ideia de uma quarta Revolução Industrial.

Dentro da contextualização deste trabalho, pretende-se perceber como a Revolução Industrial influenciou a localização das fábricas nos tecidos urbanos ao longo dos tempos. Bem como o impacto dos avanços tecnológicos na arquitetura, que tornaram possíveis novas formas construídas e novos modos de vida.

### **I. 1. Primeira Revolução Industrial**

Até ao século XVIII a atividade produtiva era artesanal e manual, eram apenas utilizadas algumas máquinas simples. A técnica das empresas evoluía muito lentamente e aperfeiçoava-se através da repetição, sendo considerado este período pré-condição para a 1ª Revolução Industrial.

A urbanística moderna tem a sua origem, exatamente no decorrer da primeira Revolução Industrial, entre o século XVIII e XIX, altura que começaram a surgir questões que envolviam a organização urbanística da cidade.

A primeira Revolução Industrial levou a uma rutura sem precedentes em relação à atividade artesanal. O desenvolvimento técnico, que possibilitou a utilização de máquinas a vapor e carvão mineral como fonte energética, impulsionou o crescimento da indústria têxtil. Regista-se também a revolução dos transportes e a implantação de ferrovias, permitindo melhores acessibilidades e possibilitando uma diversificação da localização industrial.

No âmbito da organização geográfica do território, verifica-se que até ao século XVIII a envolvente da indústria era o meio rural, no entanto a indústria foi-se aproximando da cidade, o que acentuou os desequilíbrios territoriais, provocando um êxodo rural.



Figura 4 – 2ª Revolução Industrial, desenvolvimento da indústria automóvel



Figura 5 – Cruzamento das ruas Dearborn e Randolph em Chicago no século XIX

Assistiu-se a uma redistribuição da população no território, havendo uma migração em massa da população do campo para a cidade devido às transformações económicas impulsionadas pela produção industrial localizada nas cidades.

Nesta época, emerge um dos principais conflitos da Revolução Industrial: o aumento da população. Este aumento demográfico é justificado pela queda gradual das taxas de mortalidade à medida que eram implementadas novas técnicas de construção, mudanças no regime alimentar e na higiene, progressos na medicina e instalações hospitalares de melhor qualidade.<sup>1</sup>

Esta época foi ainda caracterizada por um crescimento desmesurado das cidades, onde a indústria surgia nos locais mais convenientes para o seu funcionamento, junto às linhas ferroviárias, às linhas de água ou costas marítimas, sem ter em conta o impacto que teria a indústria no local.

Assim a cidade industrial é apontada como a primeira das "cidades sem alma". Este novo tipo de aglomerado urbano caracteriza-se por dois elementos fundamentais: a fábrica e o bairro pobre. Esta cidade, considerada na altura como símbolo de progresso, corresponde apenas a uma concentração de população num local, já que em nada corresponde à cidade detentora de um papel sociológico.

## **I. 2. Segunda Revolução Industrial**

Entre o final do século XIX e o final da primeira metade do século XX, a utilização de novas fontes energéticas, principalmente os combustíveis fósseis e a eletricidade, associado ao progressivo desenvolvimento científico e tecnológico levou que surgisse a Segunda Revolução Industrial.

A progressiva mecanização permitiu que as empresas tivessem uma nova forma de produção: a produção em série e em grande escala. Tal inovação ampliou a produtividade, conseguindo ter produtos a preços mais baixos e com uma margem de lucro maior. É também nesta época que novos tipos de indústria se consolidam, nomeadamente a indústria química e a automóvel.

O desenvolvimento dos meios de transportes, foi um dos principais focos que ditou a estrutura urbana das cidades industriais. O facto do transporte pesado

---

<sup>1</sup> Leonardo Benevolo (1981). As origens da Urbanística Moderna, p.13





Figura 6 – LetchWorth, Vista aérea da primeira cidade-jardim efetivamente construída

ter que ser feito por via marítima e fluvial, permitiu o grande desenvolvimento de cidades portuárias. No entanto cidades interiores como Paris, Bruxelas e Berlim também eram locais favoráveis à implantação de indústrias, pois já eram cidades desenvolvidas e consolidadas.

A organização territorial assiste a um progressivo aumento da concentração econômica, aglomeração urbana, formação de novos complexos industriais igualmente urbanos e crescentes desequilíbrios regionais, provocando o caos urbano. No entanto em meados do século XIX, verifica-se a preocupação na procura de melhores condições da vida humana, refletidas num trabalho sistemático de demolições e obras de saneamento.

De forma a criar cidades que satisfizessem os desejos e necessidades do Homem moderno, surgem várias propostas que anteciparam as cidades-jardim do século XX, nomeadamente as cidades de LetchWorth e Welwyn, que tinham como objetivo resolver os problemas urbanos e rurais.

É neste contexto em que fervilham propostas de soluções para a cidade injusta e insalubre, o britânico Ebenezer Howard junta-se aos demais pensadores, com a primeira versão de cidade-jardim na história do urbanismo, apresentada através do livro "To-morrow a Peaceful Path to Real Reform (1898).

O modelo proposto tinha como objetivo criar uma cidade envolta por um cinturão verde e neste limite os habitantes desenvolveriam atividades comerciais e agrárias, aproveitando as vantagens um do outro: "Foi possível, enquadrar o círculo, combinando o que havia de melhor em matéria de cidade e campo num novo tipo de instalação, a cidade-campo"<sup>2</sup>

O esquema para a cidade é representado por uma estrutura radial, sendo dividido por seis avenidas que cruzam a estrutura desde o centro até à periferia, dividindo-a em seis partes iguais. Tendo como centro um parque, de aproximadamente 56ha de área verde, avizinhada pela área comercial, que por sua vez é seguida pela área residencial. Ainda no centro deste parque estaria demarcado um jardim de 2,2ha e em torno dele distribuídos os edifícios públicos e culturais. A parte mais externa da cidade, seria destinada à área industrial, com os armazéns, mercados, carvoarias, serrarias, etc., que devido à existência de via-férrea circundante a toda a cidade tornava-se fácil o escoamento da produção.

Podemos dizer que se vivia uma época onde muitos arquitetos e urbanistas começavam a ter como preocupação, o futuro das cidades.

---

<sup>2</sup> Peter Hall (2009) - Cidades do amanhã, p. 188



Figura 7 – Exterior da Fábrica AEG de Peter Behrens



Figura 8 – Interior da Fábrica AEG de Peter Behren



### **I. 2. 1. A partir do início do Séc. XX – Entre Guerras**

Com as novas soluções e materiais que são produzidos pela própria indústria, como o vidro, o betão e o aço, assiste-se também a uma evolução da arquitetura.

Assim, neste período as fábricas começaram a desenvolver novos edifícios, com novos programas e linguagem arquitetónica associada às marcas.

A grande referência é a fábrica de turbinas elétricas AEG, entregue a Peter Behrens em 1909.

Devido ao uso dos novos materiais, o arquiteto conseguiu projetar uma nave de 207 metros de comprimento e 39 metros de largura, com uma cobertura plana e uma estrutura de 22 pórticos de aço, afastados entre si de 9 em 9 metros.

No seu exterior o arquiteto decidiu revelar a estrutura da moderna fábrica, demonstrando que, a estrutura portante serve mais do que suportar cargas, na verdade esta transmite ordem de espaço e ritmo.

É conseguida desta forma, um satisfatório contraste entre o aço e o vidro, sendo o primeiro edifício com esta solução, na Alemanha.

Assim a indústria passa de uma conotação que lhes era associada de contentores historicistas, a objetos arquitetónicos relevantes.

Também devido às novas tecnologias desenvolvidas pela Revolução Industrial, verifica-se nesta época uma mudança estrutural significativa quanto à localização das fábricas.

Se numa fase inicial estas eram implantadas junto dos recursos naturais mais convenientes, passaram, com os novos conceitos de planeamento e evolução das tecnologias, a não depender deste tipo de implantação específica, para se poderem concentrar em pontos estratégicos, influenciando as condições humanas vividas pela população circundante.

Face à proposição de cidade funcional como crítica às cidades tradicionais, volta-se o foco de atenção para a carta de Atenas de 1933, que previa a descentralização das indústrias para as zonas periféricas da cidade.

A Carta de Atenas suponha a elaboração de um modelo de cidade organizado para satisfazer quatro necessidades básicas, "as chaves do urbanismo estão nas quatro funções: habitar, trabalhar, recrear-se (nas horas livres) e circular".<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Corbusier, L. (1993). *A carta de Atenas.* , p.13



Figura 9 – Vista aérea da cidade de Brasília, Lúcio Costa



Figura 10 – Vista aérea da Cidade de Chandigarh

As diferentes funções eram implantadas em áreas diferentes da cidade, dividindo funcionalmente a cidade, de modo a não existir conflitos de usos incompatíveis.

Pondo em prática os preceitos da Carta de Atenas, assiste-se ao aproveitamento dos vazios das periferias das cidades para construir, na sua maioria, edifícios de habitação.

A cidade de Brasília, no Brasil, desenhada por Lúcio Costa e a cidade de Chandigarh, na Índia, projetada por Le Corbusier, são as únicas cidades inteiramente planeadas segundo os princípios da Carta de Atenas. Estas cidades foram construídas de raiz, num espaço vazio e disponível, tendo sido possível criar zonas urbanas bem definidas e separadas por grandes espaços entre as edificações, bem como circulação bem definida e eficiente.

Estas mudanças, tanto para a localização da fábrica como das habitações, representam alterações feitas no tecido da cidade e na dispersão da população. Fazendo com que a cidade se estendesse horizontalmente a uma distância cada vez maior do centro da cidade.

A deslocação das instalações industriais, a partir do núcleo urbano, mudou a composição urbana das cidades, onde os centros das cidades passaram a acumular terrenos industriais em desuso e edifícios abandonados.

A fim de aumentar a eficiência de produção, as famílias de classe trabalhadora localizavam-se em bairros nas proximidades da indústria, provocando

a emigração em massa da população para as novas vilas e cidades, contribuindo para o despovoamento dos núcleos urbanos. Estes bairros não eram objeto de desenho urbano, surgiam isolados e sem integração no meio urbano.

Outro grande problema do urbanismo moderno é a obsessão com o zonamento dos usos, deixando vários elementos estruturais da cidade de se relacionar espacialmente, e assumindo a circulação automóvel um papel principal.

Com maior utilização do sistema rodoviário moderno de deslocação, a rua tradicional e as antigas rotas mercantis das cidades pós-industriais, perdem o seu ritmo, o seu domínio económico, sendo obrigadas a adaptar-se aos novos costumes, alterando-se as atividades sociais e económicas, bem como a própria imagem da cidade. "Arquitetos, sociólogos, outros profissionais, e a população em geral constataavam a pobreza espacial, funcional e qualitativa das periferias

organizadas pelo urbanismo operacional, sempre pouco criativo, e descobriram o desperdício do território e da paisagem e do seu potencial para fazer a cidade".<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> José M.R. Garcia Lamas (2004). Morfologia Urbana e Desenho da Cidade, pág. 386



### **I.3. Terceira Revolução Industrial – Pós 2ª Guerra Mundial até atualidade**

A Segunda Guerra Mundial envolveu avanços tecnológicos que foram desenvolvidos durante o combate e tecnologias anteriores que nesse período ganharam força e autonomia.

É nesse contexto, a partir da década de 50, que surge a Terceira Revolução Industrial, marcando o início da Era da Informação.

Nos anos 60, os meios de comunicação de massa, como rádio e TV, com transmissões intercontinentais em direto, via satélite, cobriam o mundo e assim ampliavam a percepção do mundo.

É nesta altura que a indústria começa a deixar de ser vista apenas como instituições de produção, passando a haver também preocupações de caráter social, político e ambiental. Esta preocupação ambiental surge com os efeitos da poluição provenientes dos complexos industriais, visíveis desde a Primeira Revolução Industrial.

Surgem também diferentes gerações de arquitetos e críticos com o objetivo de combater a ideia de cidade funcionalista, voltando as suas atenções para as problemáticas do urbanismo.

Se numa fase inicial, a localização industrial estava localizada em centros locais, tendo sido posteriormente realojada em locais com maiores vantagens de recursos naturais e nas periferias do sistema territorial, devido ao efeito de zonamento. Na atualidade, verifica-se exatamente o contrário, a revitalização dos centros das cidades com o surgimento de novos territórios industriais devido às inovações tecnológicas. Nesse sentido começam a aparecer os novos territórios industriais, nomeadamente, parques tecnológicos, parques científicos e de pesquisa, centros de inovação, polos tecnológicos, cidade da ciência, clusters e incubadoras de empresas.

Estas indústrias de alta tecnologia estão situadas nos países desenvolvidos, sendo que a inovação tecnológica possibilitou a criação de novos fatores de localização industrial.

Para estes novos territórios, é tido em conta a proximidade com universidades e centros de pesquisa, pois os novos territórios industriais, necessitam de mão de obra bastante qualificada, bem como de estabelecer sinergias entre instituições de



Figura 11 – Silicon Valley – Califórnia, Eua

pesquisa e universidades de prestígio acadêmico. Como é o caso do famoso Silicon Valley, que reúne algumas universidades americanas (Stanford, Berkeley, Harvard e o MIT) no seu centro tecnológico.

É tido em conta também, a proximidade com boas vias de comunicação, nomeadamente com autoestradas e aeroportos, boas redes de telecomunicações, e a qualidade da envolvente ambiental.

Hoje, mais do que nunca, há a necessidade de forças econômicas territoriais, ambientais e sociais em sinergia para que a inovação tecnológica de ponta possa se desenvolver.

A inovação tecnológica aliada aos novos territórios industriais estão a atrair para os centros das cidades as indústrias de ponta, que funcionam como indutoras tecnológicas do desenvolvimento regional. Sendo que os territórios periféricos estão a sentir dificuldades nessa atração de indústrias inovadoras, uma vez que a terceira Revolução Industrial é seletiva na sua localização.

A indústria de alta tecnologia exige um território de alta qualidade, com eficácia relacional e com um bom funcionamento da infraestrutura material. O desenvolvimento industrial hoje é um desenvolvimento dependente de recursos territorialmente específicos, por isso se fala de desenvolvimento territorial como novo paradigma da teoria regional.



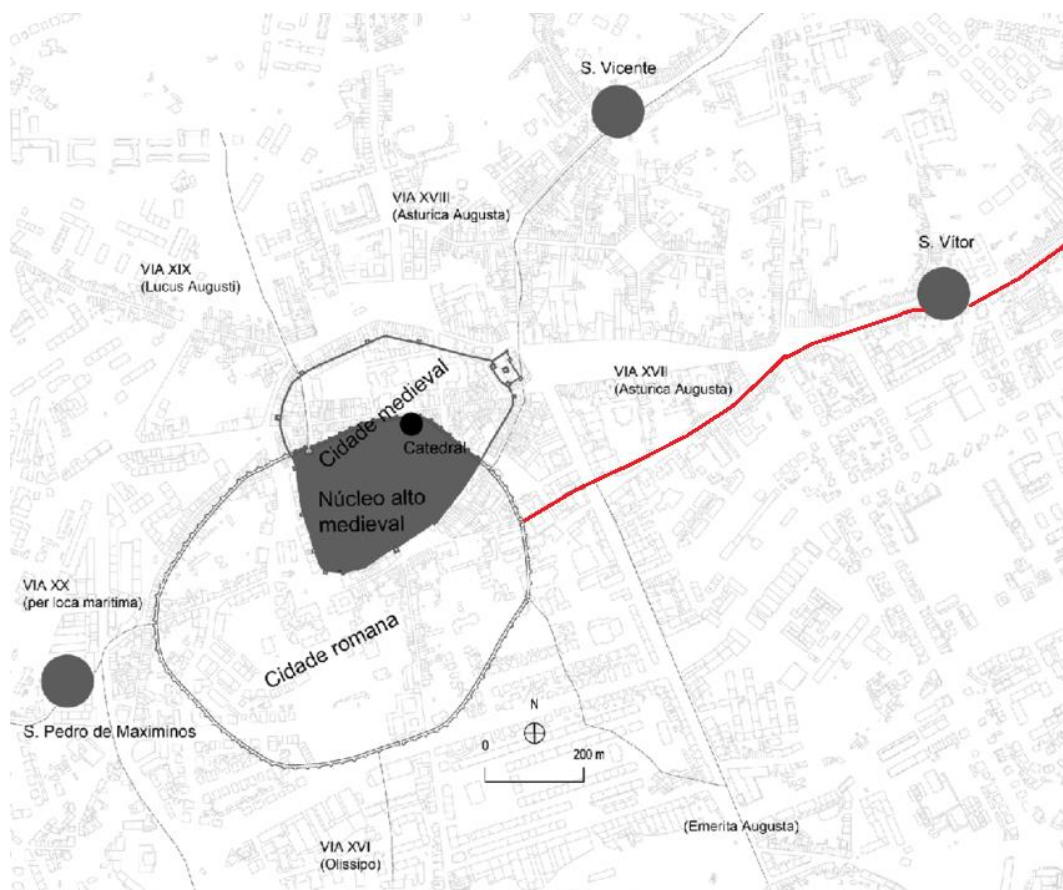


Figura 12 – Planimetria geral do território de Braga desde a época romana até à idade média, com indicação da Via XVII



Figura 13 – Planta cidade Braga entre 1914 e 1960 com indicação do local de intervenção



## CAPÍTULO II – O TERRITÓRIO

### II. 1. Contexto Urbano e Histórico

No final do século XIX até meados do século XX, tecido industrial existente em Braga concentrava-se a leste da cidade, na freguesia de São Victor, no eixo constituído pela Rua da Taxa e pela Rua Nova de Santa Cruz, no que se poderia designar como uma cintura industrial da cidade.

Remontando à época romana na cidade de Braga, verifica-se que esta freguesia nunca pertenceu ao núcleo interno das muralhas, desenvolvendo-se com características diferentes da maioria das restantes freguesias da época.

No entanto, apesar da freguesia não se relacionar com a antiga cidade romana, era exatamente por São Victor que passava a infraestrutura viária Romana denominada Via XVII.

A Via VXII é a mais antiga das estradas entre *Bracara Augusta* (Braga) a *Austurica Augusta* (Astorga), com passagem por *Aquae Flaviae* (Chaves) e foi particularmente importante no programa da rede viária romana para o noroeste da Espanha. Tendo por base o *Itinerário de Antonino* e os estudos desenvolvidos ao longo dos séculos, é possível alcançar um reconhecimento muito aproximado do seu percurso, sendo que a Via se iniciava em Braga e, ao longo de aproximadamente de trezentos e sessenta e cinco quilómetros de extensão, passava pelos concelhos de Póvoa de Lanhoso, Vieira do Minho, Montalegre, Boticas, Chaves, Valpaços, Mirandela, Macedo de Cavaleiros, Vinhas, Bragança, entrava no território atualmente espanhol na fronteira natural formada pelo rio Maçãs e daí, infletia para nordeste passando por Mahíde, Santibáñez de Vidriales, Villamontan de Valduerna e terminava no planalto de Astorga.<sup>5</sup>

Para além desta via ser bastante importante para a ligação de vários centros urbanos também tinha uma função cultural, pois na via também se deslocam pessoas. E com a construção do Santuário Bom Jesus do Monte, em Braga, que atrai uma série de peregrinos cristãos, a passagem por São Victor torna-se obrigatória.

---

<sup>5</sup> Daniel Vale (2015). De Braga a Astorga – Paisagens de um itinerário peripatético pela via antiga

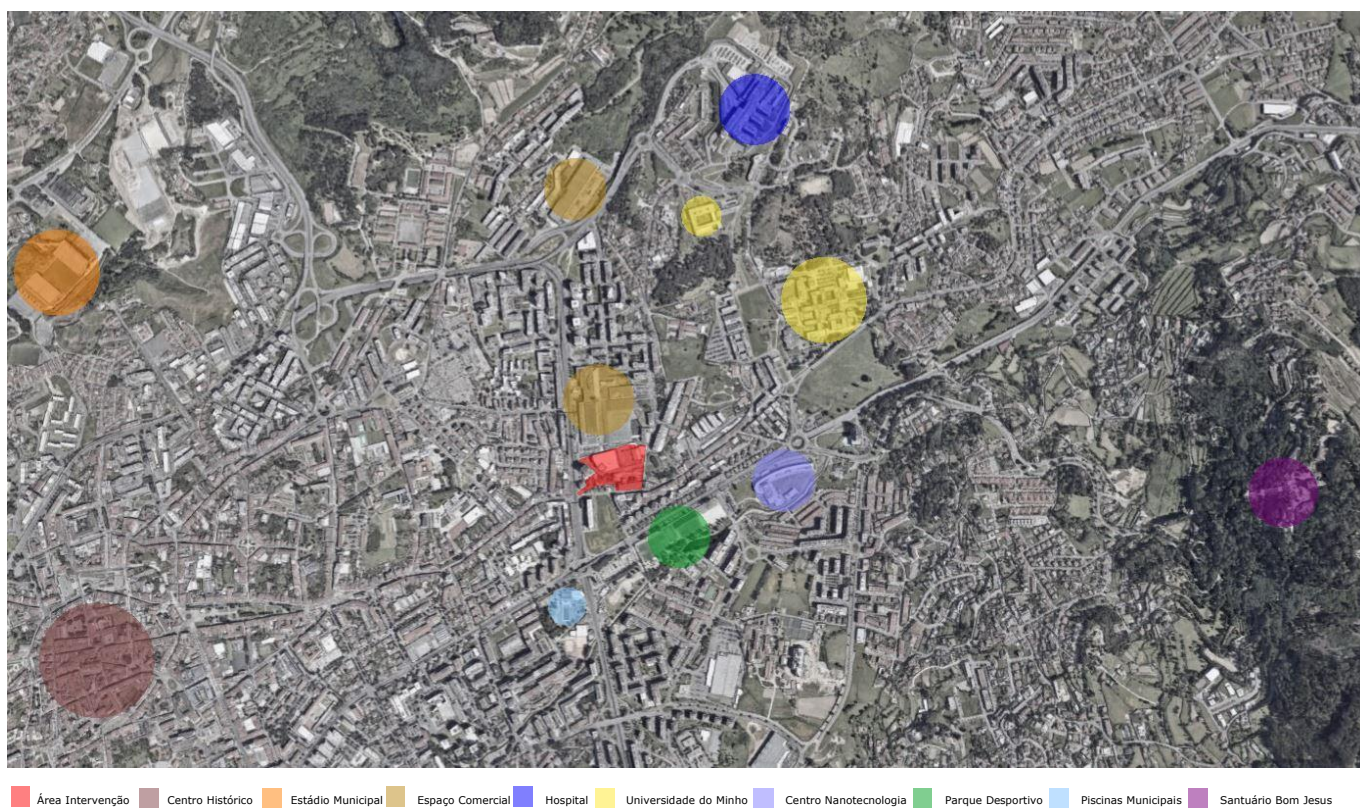


Figura 14 – Planta da Cidade de Braga com a localização do local de intervenção e Pontos de Interesse

São Victor foi até ao século XVI um lugar considerado um lugar externo à cidade de Braga, dado encontrar-se fora dos muros da cidadela medieval. As alterações urbanísticas empreendidas por D. Diogo de Sousa ajudaram certamente a aproximar a cidade, contudo foi o arcebispo D. Luís de Sousa a deixar a sua marca na freguesia, patrocinando no ano de 1686 a reedificação do ancestral local do culto, transformando num dos mais elegantes templos barrocos da cidade.

O século XVIII marca esta freguesia com o aparecimento e desenvolvimento de uma indústria, que viria a ser fundamental na economia da cidade: a chapelaria.

Ao longo do século XIX foi no território de São Victor que se deu o surgimento de grandes indústrias de chapelaria, salientando as três maiores fábricas: "Taxa", fundada em 1851, "Social Bracarense" cuja atividade se iniciou em 1866 e "A Industrial", fundada em 1921. Também na mesma área nasce a Saboaria e Perfumaria Confiança, em 1894.

Quando em 1954 é construída a Rodovia, São Victor ganha proximidade à cidade, uma vez que com os terrenos que daí resultaram, foram aproveitados para a construção de habitações.

São Victor cresceu, depois da instalação do cemitério, seguiu-se o Tribunal em 1995. A instalação do hospital em 2011 foi a confirmação definitiva da superior relevância desta freguesia no contexto urbano de Braga, a partir dessa data todos os bracarenses passaram a nascer como naturais de São Victor.

Hoje em dia a freguesia é agora uma zona urbana cheia de vida e com uma localização estratégica, junto das principais vias da cidade e com proximidade de vários serviços e comércio: campos de futebol, piscinas municipais, grandes espaços comerciais e Universidade do Minho.





Figura 15 – Área de intervenção



Figura 16 – Vista da área de intervenção

## **II. 2. A Área de Intervenção**

A área de intervenção está localizada na zona oriental da cidade de Braga, na freguesia de São Victor, sendo delimitada a Norte com o Centro Comercial Braga Parque, a Sul pela Rua Nova de Santa Cruz, a Este pela Rua da Quinta da Armada e a Oeste pela Avenida Padre Júlio Fragata.

O terreno encontra-se ocupado por vários edifícios nomeadamente a Antiga Fábrica Confiança, ruínas, habitações unifamiliares, pavilhões industriais e um espaço comercial.

Sendo que só os pavilhões industriais é que se encontram atualmente em funcionamento, estando os restantes edifícios devolutos ou desocupados.

Faz ainda parte da área de intervenção a Rua de São Victor-O-Velho em granito, que fazia antigamente a ligação com Rua Do Pulo, que foi interrompida com a ampliação das instalações fabris da Fábrica Confiança. E uma rua asfaltada de acesso aos pavilhões fazendo a ligação entre a Avenida Padre Júlia Fragata com a Rua Quinta da Armada.

Como se pode verificar na figura x, que a zona de intervenção é bastante extensa, com uma área total de 28.485,00m<sup>2</sup>.

Segundo o PDM de Braga, esta área é urbanizável podendo ser composta por zonas de espaços habitacionais, espaços comerciais de grande dimensão e equipamentos.

Quanto à topografia do terreno, tem um acentuado declive com um desnível de 7 metros, da cota mais baixa à cota mais alta.

Apesar do desafio de cotas, e do projeto de intervenção implicar a demolição da maior parte dos edifícios, este terreno mostrou-se ser ideal para o desenvolvimento do projeto pela sua localização estratégica na cidade.

Pelo falta de ocupação da maior parte dos edifícios, e os restantes não apresentarem valor acrescentado para a cidade, considerou-se necessário definir toda aquela área como área de intervenção, para se conseguir a revitalização de todo o bairro.



Figura 17 – Imagens área intervenção

Como já referido, o contexto urbano no qual se enquadra o terreno apresenta uma localização privilegiada na cidade, localizando-se no centro do eixo que liga o centro histórico de Braga à Universidade do Minho.

A zona que em tempos pertenceu aos arredores da cidade é agora uma zona urbana cheia de vida e movimento.

A área envolvente, encontra-se já consolidada, com vários edifícios habitacionais, parques desportivos, superfícies comerciais e piscinas municipais.

No entanto é a proximidade do Laboratório Ibérico Internacional de Nanotecnologia (INL) e o campus da Universidade do Minho à área de intervenção, o principal fator para o desenvolvimento deste projeto, permitindo estabelecer uma ponte entre os estudos académicos, a pesquisa e o mercado de trabalho.





Figura 18 – Edifício da Fábrica Confiança, 1910



## **CAPÍTULO III – A Fábrica Confiança**

### **III.1. Contexto Histórico**

Fundada a 12 de outubro em 1894 na freguesia de São Victor, em Braga, por Rosalvo da Silva Almeida e o seu cunhado, Manuel dos Santos Pereira, denominou-se “Silva Almeida & C.<sup>a</sup>”, que mais tarde adotou a designação de Saboaria e Perfumaria Confiança.

A fábrica ocupou inicialmente o espaço de uma pequena oficina situada na zona de Peões no nº17 da rua Nova de Santa Cruz, no mesmo lugar onde ainda hoje se ergue o emblemático edifício Confiança.

A unidade fabril arrancou com o mínimo indispensável, pois faltava meios técnicos e mão-de-obra especializada.

A marca foi criada para responder à nova necessidade de tratar da higiene pessoal, os dois sócios iniciaram-se na produção de sabão, ramo de atividade no qual nenhum deles havia trabalhado, ao qual se juntou pouco tempo depois os sabonetes e perfumes.

Uma vez iniciada a produção de sabão, tornou-se necessário divulgar e fazer acreditar no produto, para poderem conquistar o mercado, escoarem mercadoria e expandirem a empresa. A estratégia adotada passava por estabelecer uma larga rede de agentes espalhados por várias cidades do país, que contactavam com potenciais clientes, percorrer mercados e visitar clientes já estabelecidos.

Os sócios viajavam também para o estrangeiro, nomeadamente França, principal produtor de artigos de higiene e cosmética, mas também para Espanha e Suíça. Apresentavam produtos exclusivos que ostentavam a marca da casa do revendedor com especial composição gráfica dos seus rótulos e embalagens.

Ao fim do primeiro ano de laboração, a fábrica produzia uma média mensal de mil caixas de sabão por mês, uma quantidade considerável para a época.

Em 1898 juntou-se à administração da empresa o amigo Domingos José Affonso, devido à necessidade de capitalização da empresa, uma vez que o capital social inicial já não satisfazia as necessidades criadas.

O aumento de capital com a entrada do terceiro sócio, permitiu melhorar e incrementar não só a produção, mas também as condições de fabrico. Foi nesta fase que se aperfeiçoou o fabrico do sabão, com a aquisição de novas máquinas,



Figura 19 – Fachada Pincipal Fábrica Confiança, 1922

efetuou-se melhoramentos nas instalações e apresentou-se as primeiras marcas de sabonetes e perfumes.

Em 1903 a empresa foi registada com a designação Perfumaria Confiança e procedeu-se também meses depois, aos registos de marcas próprias.

A constante atenção por parte dos três sócios aos produtos da concorrência, permitiu o aperfeiçoamento dos produtos e da apresentação gráfica: “Os sabonetes Confiança e os restantes produtos Confiança, em geral, eram altamente prestigiados e faziam parte do quotidiano de habitações com um certo poder económico”.<sup>6</sup>

O período que se segue, que coincide com os anos da Primeira Guerra Mundial, é de grande crescimento na fábrica, que tira proveito do facto de se encontrarem paralisadas as indústrias dos países onde decorria o conflito e desenvolve o seu processo de exportação.

A Confiança, ganhou lugar no meio devido a diversos motivos, tal como técnicas de produção, a variedade e qualidade dos produtos, tendo sempre em atenção a adaptação dos produtos às necessidades e aos novos estilos dos clientes da época.

Por outro lado, junto com a forma de fabrico dos produtos, as embalagens e a apresentação dos produtos, criam uma imagem inconfundível e caracterizadora da marca. As influências artísticas da Art Nouveau e Art Déco estão ainda hoje bem presentes nos produtos Confiança, tanto nas características intrínsecas, como nas suas embalagens.

Com a chegada do ano 1920, mantém-se o período expansivo da Confiança. Realizaram-se significativos investimentos, o que se traduziu num incremento da qualidade dos produtos e projetou-se a construção e ampliação do novo edifício da fábrica na rua Nova de Santa Cruz, que tomou lugar de todos os prédios que a empresa possuía naquele local.

Terá sido a ampliação das instalações e a construção do novo edifício que permitiu dotar a Confiança de uma série de serviços destinados aos seus funcionários. Nos finais da década de 1920, quando o novo edifício já se encontrava em funcionamento, trabalhavam na fábrica cerca de 80 pessoas. A empresa oferecia apoio médico aos funcionários sendo extensível às suas famílias, para além de outras regalias. O edifício da fábrica Confiança albergava uma série de serviços para os seus operários: um consultório médico, uma cozinha, um refeitório, um núcleo de futebol, uma creche para crianças até aos cinco anos de idade, uma

---

<sup>6</sup> Pereira e Pita, 2011, A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal, p.103-104



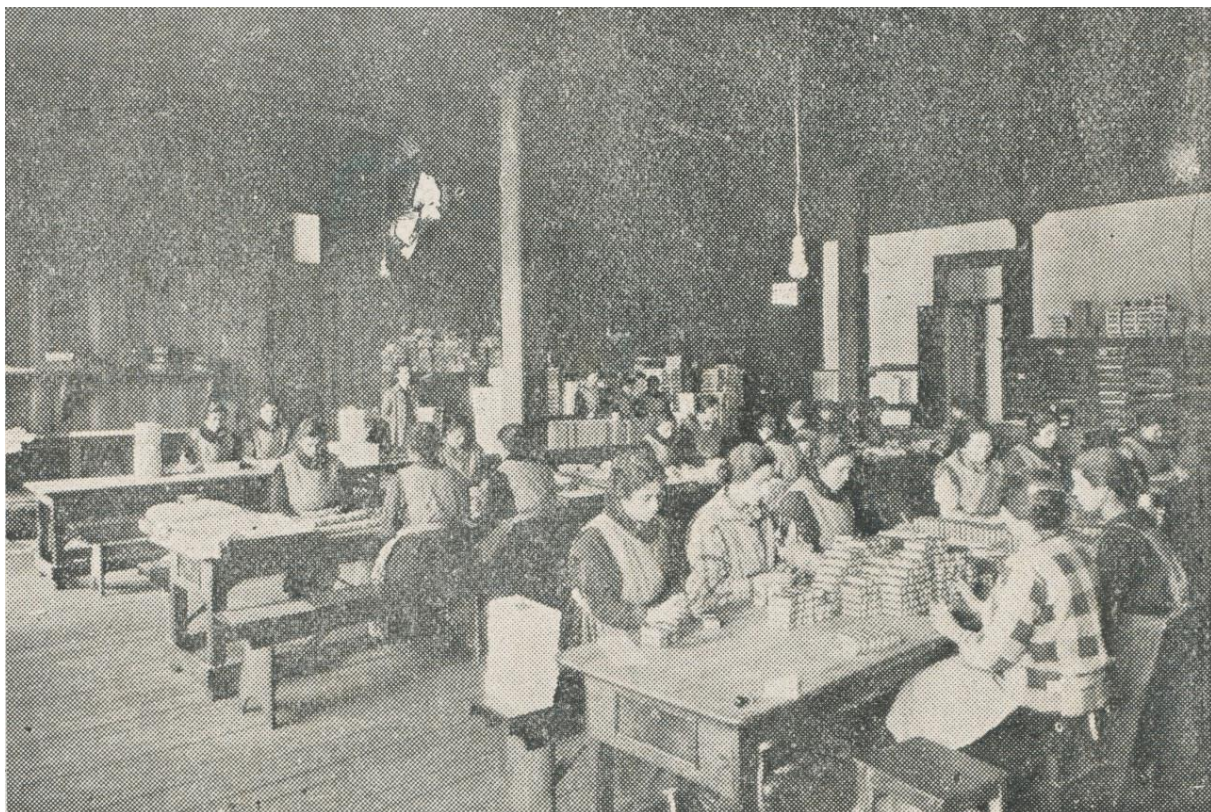


Figura 20 – Fábrica Confiança oficina de acabamentos, 1928

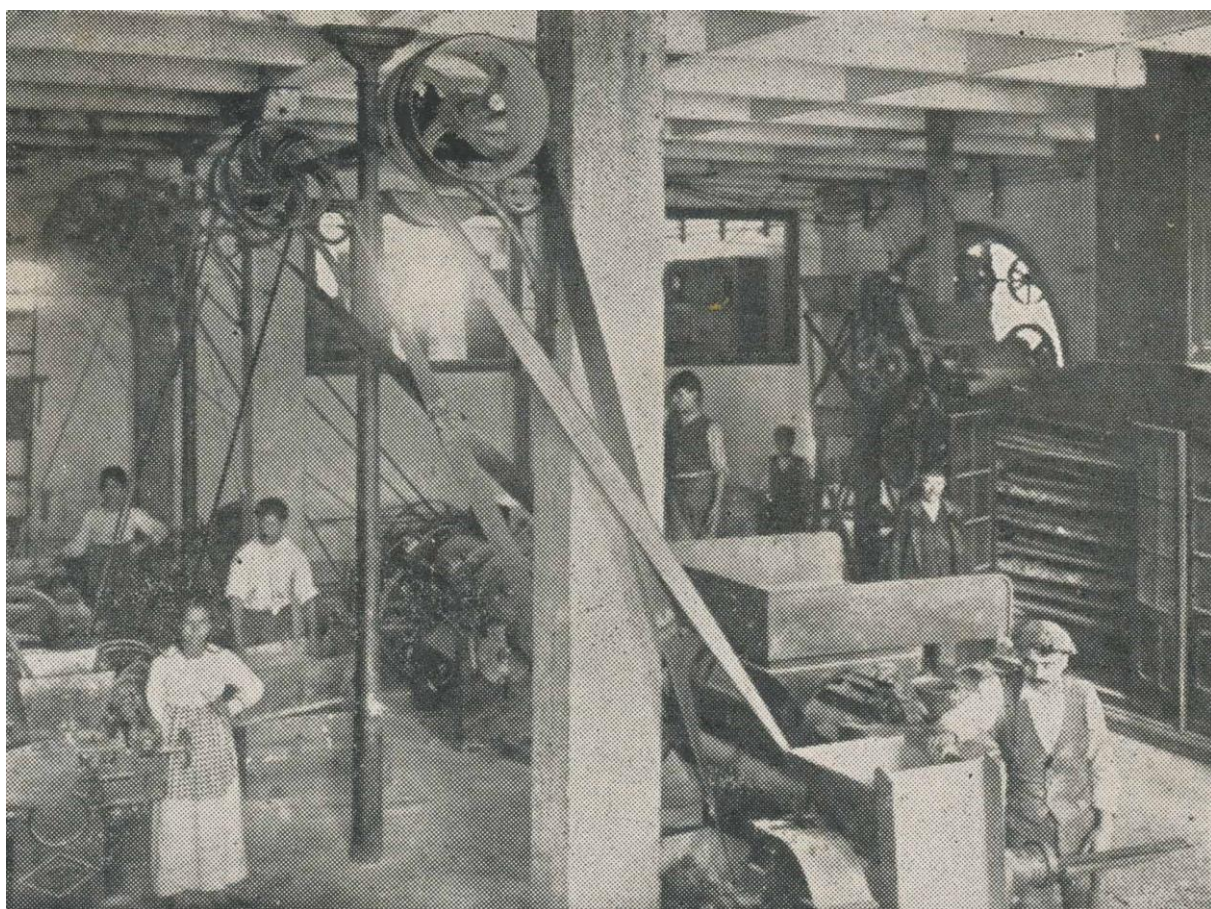


Figura 21 – Fábrica Confiança casa das máquinas 1928



mercearia, uma biblioteca, um salão de festas, uma sala de teatro equipada com máquina de projeção de cinema, um logradouro com esplanada e jardim com árvores e um pequeno campo de cultivo com alguns animais de gado.<sup>7</sup> Uma das outras regalias concedidas aos operários da Confiança era o fato de cada um deles receber mensalmente dois sabonetes, numa altura em que o consumo ainda não se encontrava generalizado, sendo o sabão o único produto usado para a higiene pessoal das camadas sociais menos abastadas.

Nas décadas de 40 e 50, a Confiança dominava o comércio de sabonetes a nível nacional. A procura destes produtos não era apenas por parte de particulares e do comércio a retalho, mas também era procurado por cadeiras hoteleiras e outras empresas que requeriam fabrico próprio.

A Confiança, dedica-se, também nesta altura, a outros produtos, tentando abranger outros nichos do mercado, tais como: Perfumes, cremes, pastas dentífricas, pó de arroz, stiques de barbear, loções, essências e águas de colónia.

A década de 60 é marcada por uma fase menos próspera, que enfrenta um período de recessão, com a perda de mercados de Angola e Moçambique devido à eclosão da guerra colonial.

Talvez tenha sido os resultados negativos dos primeiros anos desta década que levou as famílias fundadoras a venderem a sua participação a um grupo de industriais de sabões do Porto e de Lisboa, que apostaram na sua recuperação económica. Nesta fase, passaram a ter participação na Confiança, grandes empresas de saboaria existentes em Portugal.

A nova administração iniciou uma política de contenção de despesas, tendo impulsionado um novo período económico positivo, embora de forma mais modesta.

No entanto os anos seguintes foram caracterizadas por uma quebra progressiva no consumo de sabões comuns. As razões eram várias: novos hábitos de lavagem, substituição do sabão por produtos mais modernos, existência de um número excessivo de saboarias que, entretanto, iniciaram atividade e perda de identidade e orientação.

Nos anos 80 e 90 os hábitos de consumo alteraram-se radicalmente devido ao aparecimento das grandes superfícies comerciais. Progressivamente, as famílias portuguesas deixaram de consumir nos comércios locais.

---

<sup>7</sup> Nuno Coelho, 2013, O Design da Embalagem em Portugal no século XX – Do funcional ao simbólico – O estudo de caso da Saboaria e Perfumaria Confiança

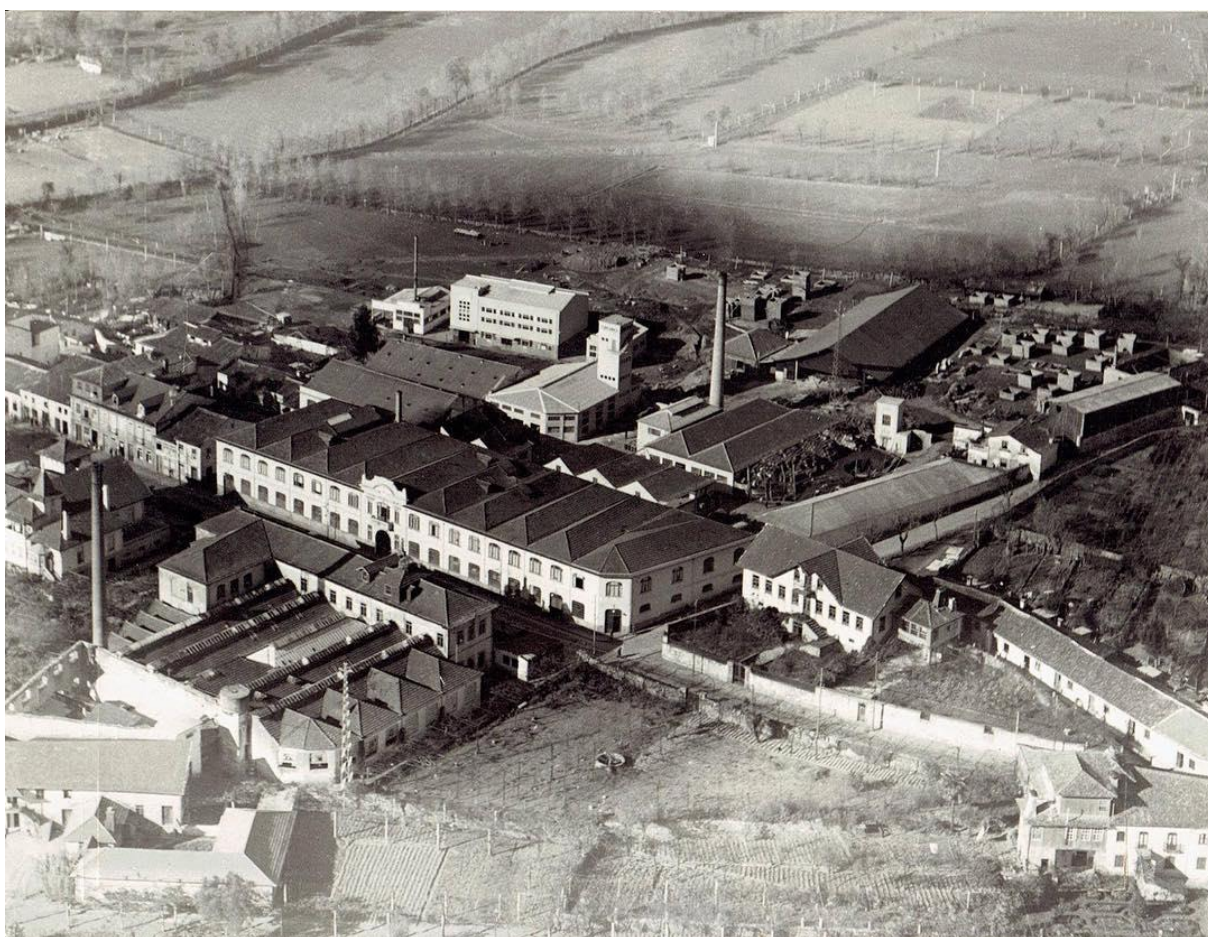


Figura 22 – Vista aérea da Fábrica Confiança, 1955

Perante este novo paradigma de consumo, a Confiança começou a desenvolver novos cosméticos, em especial nas formas líquidas: champôs, cremes de barbear e gel de banho.

A fim de otimizar as vendas, a Confiança começou a apostar nas superfícies comerciais e nas multinacionais de produtos de higiene. Contudo a empresa não estava preparada para esta nova realidade, tendo conseguido sobreviver apostando na distribuição hoteleira, nas marcas exclusivas e na produção de marcas brancas para as grandes superfícies.

Os prejuízos perduraram até aos últimos anos do século XX, devido a seis razões essenciais: a concorrência de preços perpetuada pelas grandes superfícies, a constante diminuição do volume de vendas, os fracos resultados nas exportações, a mão-de-obra considerada excedente, o custo elevado das matérias primas e as dificuldades de tesouraria.<sup>8</sup>

O edifício da fábrica, agora rodeado de prédios de habitação e de grandes superfícies comerciais, teve de diminuir também os níveis de poluição, o que obrigou a mais despesas.

Todo este panorama, que antevia um futuro terrível, ditou, em 2002, que a administração transferisse a fábrica para novas instalações de forma a vender o imóvel histórico para garantir a sobrevivência da empresa.

Nas novas instalações, os sabonetes da Confiança continuaram a ser produzidos, aparados e embalados à mão, ostentando rótulos cuja composição gráfica perdura décadas passadas. Esta manutenção de processos artesanais fez com que a Confiança conquistasse novos clientes, que reconheceram o valor acrescentado destes artigos.

Desde o final do ano de 2008, a Ach. Brito & C.<sup>a</sup>, S.A., é a atual detetora da Saboaria e Perfumaria Confiança, tendo investido na nova unidade industrial de Braga, com o objetivo de renascer a Confiança em toda a sua plenitude, reinterpretando o seu espólio de caligrafias, rótulos, cartazes, gravuras tipográficas, entre outros. A nova identidade pretende incrementar as vendas e reforçar a presença da Confiança nos mercados internacionais.

---

<sup>8</sup> Nuno Coelho, Uma história de Confiança, p.144 e 145





### **III.2. Contexto Atual**

Em 2011 a Câmara Municipal de Braga assumiu publicamente a intenção de criar valências culturais nas antigas instalações da fábrica, quando esta já se encontrava devoluta, tendo em vista a criação de um museu da fábrica, com especial destaque para o espólio da Saboaria e Perfumaria Confiança, assim como de uma série de outras infraestruturas, como serviços da Junta de Freguesia de São Victor, serviços de ligação à Universidade do Minho, a deslocação de alguns serviços camarários e a criação de um centro de exposições e auditórios, dotados de equipamento de projeção de cinema.

A 25 de Novembro 2011, a Câmara Municipal de Braga deliberou a compra do edifício da fábrica Confiança, defendendo a aquisição pelo seu carácter único e pela valorização do património material e imaterial do Município.

Num debate publico em 16 de janeiro de 2013, o atual Presidente da Câmara Municipal de Braga, o Dr.º Ricardo Rio, na altura um dos vereadores responsáveis pela negociação da compra da fábrica, anunciou cinco razões, que considerou necessárias para a compra da fábrica Confiança: a preservação da memória industrial; a salvaguarda do ativo da marca Confiança; a criação de espaços para alimentar as dinâmicas culturais na cidade e que respondam a lacunas identificadas; a ligação à Universidade; e o reordenamento urbano face à degradação que a zona envolvente sofreu.

Em setembro de 2018, a Câmara Municipal, devido à falta de fundos próprios para a sua reabilitação torna pública a intenção de alienar o edifício.

Por sua vez, o caderno de encargos para a venda do imóvel apenas exige a salvaguarda das três principais fachadas voltadas à rua, o desenho e forma da sua cobertura e a sua volumetria, obliterando por completo a necessidade de preservação de qualquer estrutura interior.

Pela contestação gerada pela intenção da Câmara Municipal de Braga em alienar o imóvel da fábrica Confiança, facilmente se pode constatar que existem várias entidades públicas e privadas em Braga empenhadas na sua salvaguarda.

Em defesa do imóvel, no início de outubro de 2018, um grupo de cidadãos bracarenses formou a Plataforma "Salvar a Fábrica Confiança".

A Plataforma defende a manutenção do complexo da antiga fábrica na esfera pública e a sua progressiva adaptação a espaço com funções culturais e sociais, com menor ou maior participação do Município.



Figura 25 – Página Jornal Publico 3 julho 2019



Figura 26 – Cartaz do Movimento salvar a fábrica confiança

Desde a sua fundação, a plataforma tem tentado impedir a venda da fábrica, dado entrada no Tribunal Administrativo várias providências cautelares contra a sua alienação

A 14 de Fevereiro de 2020, foi realizada uma hasta publica pela Câmara de Braga para a venda da fábrica, por 3,65 milhões de euros, com o caderno de encargos a obrigar a que ali seja construída uma residência universitária, que a Câmara estima possa ter cerca de 300 camas. Nesta hasta pública não houve interessados devido aos empresários estarem numa atitude expectante, dada a entrada, no Tribunal Administrativo de Braga de uma providência cautelar contra a venda do imóvel e sustentando que o projeto aprovado para o local viola o PDM.

Aos dias de hoje a fabrica continua na posse da Câmara Municipal de Braga, ao qual não se sabe qual será o seu futuro.



Figura 27 – Vista fachada principal Fábrica Confiança estado atual



Figura 28 – Vista fachada tardoz Fábrica Confiança estado atual

### **III.3. O Edifício**

Quando inicia a sua produção, em 1894, o edifício é relativamente modesto, resumia-se a uma pequena oficina situada na zona de Peões no nº17 da rua Nova de Santa Cruz.

No final da década de 10, do século XX, inicia-se a construção do edifício atual da Fábrica Confiança.

Face à necessidade de adaptar o espaço às novas necessidades e aos novos métodos de produção, a fábrica Confiança foi sofrendo diversas alterações ao longo dos anos.

Devido a toda a polémica sobre a fábrica Confiança, não me foi autorizada a entrada no edifício para fazer o levantamento e análise do seu estado atual. Esta análise foi feita com base na tese da Mafalda Isabel Mendes Guimarães com o tema *Industrial Heritage in Northern Portugal. The example of Fábrica Confiança* de 2014.

A antiga fábrica da Saboaria e Perfumaria Confiança é um edifício de planta retangular que apresenta uma longa fachada de dois pisos ritmada pela abertura de grandes janelas, que se prolonga pela fachada lateral direita. A fachada principal do edifício, localizada na direção sul, é parte mais icônica da Fábrica Confiança. Possui uma fachada central com um portão grande, correspondente ao entrada principal complexa e varanda no primeiro andar. É a parte mais decorada do edifício. Na fachada oposta à entrada principal do edifício, a fachada se repete em uma disposição mais simples de grandes janelas no térreo e primeiro andar. Foi construída em alvenaria de pedra e rebocado.

Os pisos são divididos por uma moldura lisa que corre todo o frontispício, interrompida por semicírculos, e as aberturas do piso inferior assentam sobre friso de pedra, disposto ao longo de todo o pano murário. A estrutura é dividida em dez corpos, cada um correspondente a um pano de quatro janelas (duas em cada piso).

A organização da construção separou as áreas de produção no lado oeste e as embalagens e áreas administrativas no centro e no lado leste. A área de produção ocupava o piso térreo e um mezanino que circunda a área de escritórios do primeiro andar, com vista para os tanques e produção. Na parte leste do edifício, no térreo, localizavam-se as áreas de embalamento e acabamento.

Os escritórios da administração ficavam no primeiro andar, um local vantajoso para controlar todas as fases da produção. As paredes externas e a



Figura 29 – Imagens interior Fábrica Confiança

maioria das paredes internas foram construídas em alvenaria de pedra de granito. As áreas maiores foram reforçadas com colunas de granito e, em alguns casos, com pilares de ferro fundido para apoiar os longos vãos dos pavimentos do primeiro andar.

A substituição de parte da estrutura por betão armado foi comum durante o século XX em prédios antigos e a Fábrica Confiança não foi exceção. Existem grandes áreas reforçadas de Betão armado que foi construído para acomodar os grandes tanques para a produção de sabão.

As lajes foram originalmente construídas com vigas quadradas de madeira que ainda existem na maioria das áreas. Esse tipo de pavimento de madeira, construído em uma estrutura de vigas de madeira e parquet, foi a solução construtiva comum durante os anos 30 do século XX. Posteriormente, esses pisos de madeira foram substituídos em algumas áreas por lajes de betão armado.

O telhado era originalmente uma estrutura treliçada de madeira com telhas cerâmicas, típica na época da construção, mas depois foi serrada e substituída por uma estrutura de treliça de aço e folhas de fibrocimento. Esta substituição foi realizada em todos os telhados dos edifícios.



Figura 30 – Matadero Madrid, Fachadas estilo Neo Mudéjar



## **CAPÍTULO IV – CASOS DE ESTUDO**

A consciência e preocupação pela defesa do património industrial é ainda uma matéria atual, uma vez que o seu surgimento foi originado pelo processo de desindustrialização pelo qual as cidades passaram no início do século XX.

A nível nacional e internacional existem uma série de exemplos de referências.

Dessa forma, era fundamental investigar o que já foi feito, com o objetivo de perceber as soluções obtidas pelos arquitetos. Seguiu-se a análise de vários projetos de referência, que serviram de base para o projeto.

Nesta dissertação serão analisados três casos de estudo, cuidadosamente selecionados por se tratar de equipamentos que integram o programa deste projeto.

Foi, portanto, selecionado uma incubadora de empresas, uma requalificação de um conjunto edificado industrial e um equipamento com a função habitar.

### **IV. 1. Matadero Madrid**

O antigo matadouro municipal de Arganzuela constitui um dos estabelecimentos industriais mais exclusivos e interessantes peças de arquitetura madrilenha do século XX.

Esta “pequena cidade industrial” da autoria do arquiteto Luis de Bellido y González, foi contruída entre 1911 e 1925, junto à margem do rio Manzanares.

Um muro perimetral de 2,5km de extensão encerrava uma área de 165.415 m<sup>2</sup> de superfície total, em que na zona central projetou-se um eixo principal dominado pela gestão e administração, dividindo o conjunto em duas áreas diferenciadas pelos usos do Matadouro e pelo Mercado de Gado de Consumo.

A área destinada ao matadouro situava-se no setor sul do conjunto, por questões de funcionalidade optou-se por pavilhões independentes separados por ruas. Inicialmente composto por quarenta e oito edifícios, o complexo foi sofrendo alterações até chegar a contar com um total de sessenta e quatro.

Foram adotadas as técnicas construtivas mais adequadas para resolver cada espaço, fazendo coexistirem estruturas de treliças metálicas com pilares metálicos em alguns pavilhões, ou pilares de betão armado em outros.

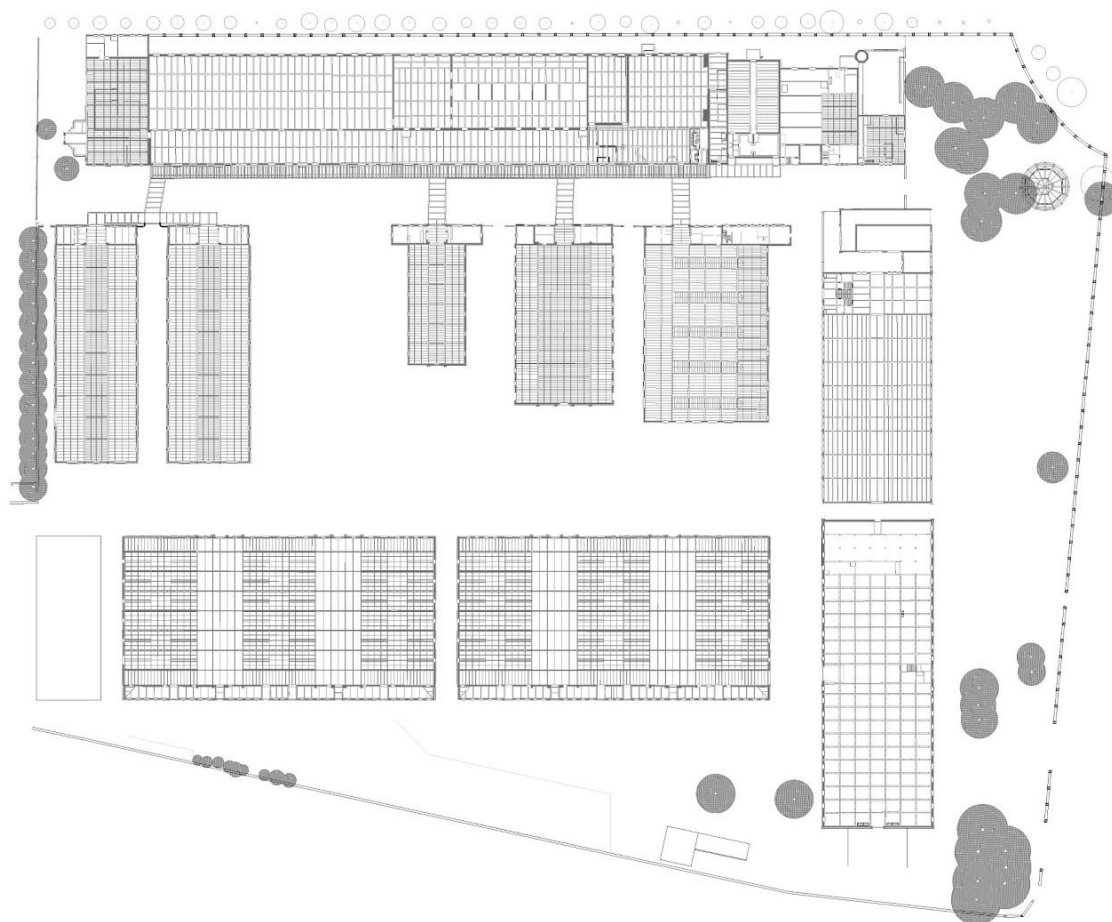


Figura 31 – Matadero Madrid, Implantação do setor sul do conjunto

Do mesmo modo foram resolvidas as coberturas com vigotas metálicas, abóbodas cerâmicas e coberturas mais inovadores provenientes da arquitetura industrial com armaduras metálicas e telhas planas sobre tabuleiros.

O estilo Neo Mudéjar marca as fachadas dos pavilhões, pela solução construtiva de fachadas em tijolos e cerâmica.

Depois de mais de sessenta anos de funcionamento, no ano de 1996 o local é fechado definitivamente, tendo sido alvo de ocupações ilegais, vandalismo e incêndios.

É a partir do ano de 2004, no âmbito do programa de reabilitação do patrimônio histórico madrileno e do plano de regeneração urbana da zona sul da cidade, que se inicia um novo ciclo de vida, agora como Matadero Madrid, transformando-se no que atualmente é um centro público fundamental na atividade cultural e na criatividade da capital.

Com um antigo uso industrial, dotado de pavilhões independentes muito bem iluminados e com uma escala adaptável a quase qualquer uso, foi possível estabelecer duas diretrizes principais do protocolo de intervenção.

Por um lado, a compatibilidade entre uma operação única como o Matadero Madrid que convive com a convocatória de vários concursos de arquitetura que subdividem em diferentes intervenções interiores ao conjunto edificado.

Por outro lado, a obrigatoriedade de preservar o volume dos pavilhões e o seu carácter industrial, não se considerando a possibilidade de construir novas arquiteturas pois as existentes são grandes suportes que permitem a sua reciclagem com outros usos.

Nesse sentido surgem as intervenções aos vários pavilhões com diferentes autores de projeto.

Pela complexidade do complexo, irei destacar apenas a intervenção ao Pavilhão 17c, da autoria dos Arquitetos Auturo Franco e Fabrice van Teeslar.

Com uma superfície de 6.000m<sup>2</sup>, destinava-se à nova sede da fundação Intermediae (espaço experimental da Secretaria da Cultura e Desporto da Câmara Municipal de Madrid).

A abordagem de intervenção propunha a exploração de novas possibilidades usando apenas três materiais: betão, vidro e aço, reduzindo ao máximo intervenções não necessárias.

Para resolver as instalações sanitárias bastou apenas duas chadas de aço, enquanto que para os vãos, em vez de janelas, foi adotada uma solução de



Figura 32 – Matadero Madrid, Pavilhão 17C Caixa composta por perfis de aço e vidro

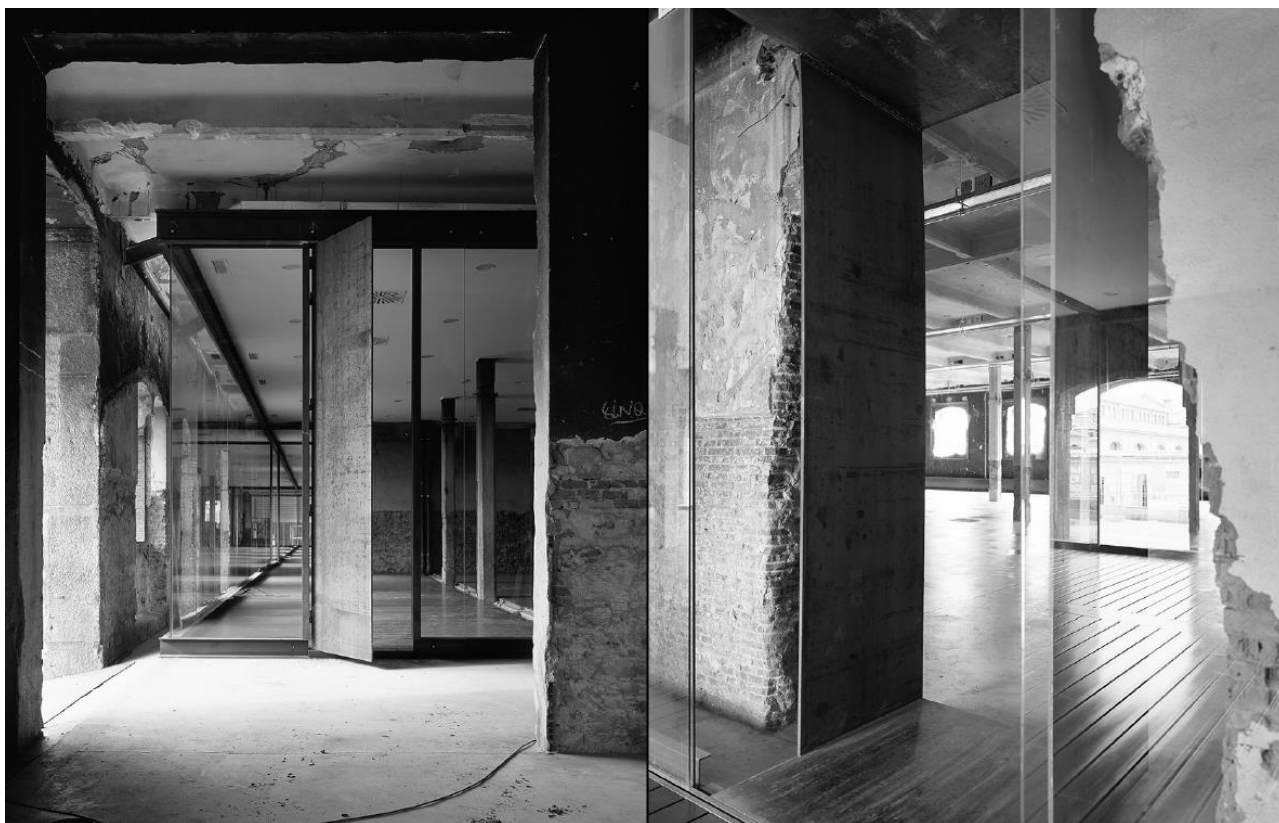


Figura 33 – Matadero Madrid, Pavilhão 17C Intermediae

proteção provisória que permitisse a entrada de luz e impedisse a entrada de chuva e vento.

Usou-se vários perfis metálicos que definem linhas puras e retas, fazendo com que o novo apareça com muita força, revelando as suas qualidades e juventude, frente ao existente.

A sala maior concebida como um espaço polivalente foi relacionada com a sala longitudinal através de quatro perfurações existentes do muro no muro que unem os espaços por peças de aço e incluem uma pequena rampa que assume o desnível entre ambas.

Na sala longitudinal a intervenção concentra-se numa peça, uma caixa composta de perfis de aço e vidro que se separa das paredes que delimitam o espaço.

O Matadero Madrid conseguiu manter o espaço, e a história dos edifícios, ficando exposta e respeitada, conciliando-a com a nova arquitetura e com a adaptação a novos usos.



Figura 34 - Incubadora de Empresas do Instituto Pedro Nunes, Átrio de Entrada



Figura 35 - Incubadora de Empresas do Instituto Pedro Nunes, Sala de Incubação

## **IV. 2. Incubadora de Empresas do Instituto Pedro Nunes**

Foi com o objetivo de estimular e apoiar o lançamento e desenvolvimento de novas empresas tecnológicas que, em 1996, entrou em funcionamento a Incubadora de Empresas do IPN. A funcionar como instituição autónoma desde 2002, tem-se afirmado como importante catalisador da capacidade de empreendedorismo e inovação na Região Centro.

A construção do novo edifício da Incubadora de Empresas do IPN é iniciada no ano 2004, doze anos depois dos primeiros edifícios e a Sul destes, num mesmo quarteirão da malha, ainda incompleta, do Pólo II da Universidade de Coimbra.

O projeto da autoria de MVCC Arquitetos conta com uma área de intervenção de 3.026m<sup>2</sup> e uma área bruta de construção de 3.852m<sup>2</sup>.

Composto por dois corpos ortogonais, utiliza uma métrica que o aproxima formalmente das construções pré-existentes.

Para cumprir um programa de geometria variável – empresas de diferentes dimensões com tempos de permanência inferiores a quatro anos – o projeto complementa a estrutura e a envolvente, ambas de betão à vista, com uma compartimentação interior modular, ligeira modificável.

Os sistemas de infraestruturas correm à vista nos tetos dos corredores de circulação, que se interligam no átrio de entrada, para onde abrem os espaços de uso comum. A escala generosa deste átrio envidraçado, de pé-direito duplo, ou o jardim que aproveita o antigo olival tentam compensar a elementaridade de projetos de orçamento mínimo.

Como programa funcional a incubadora é composta por 48 Salas de Incubação, 6 Gabinetes de Apoio, 2 Salas de Reuniões e Instalações Sanitárias distribuídas pelo piso R/Chão e Piso 1 do edifício.

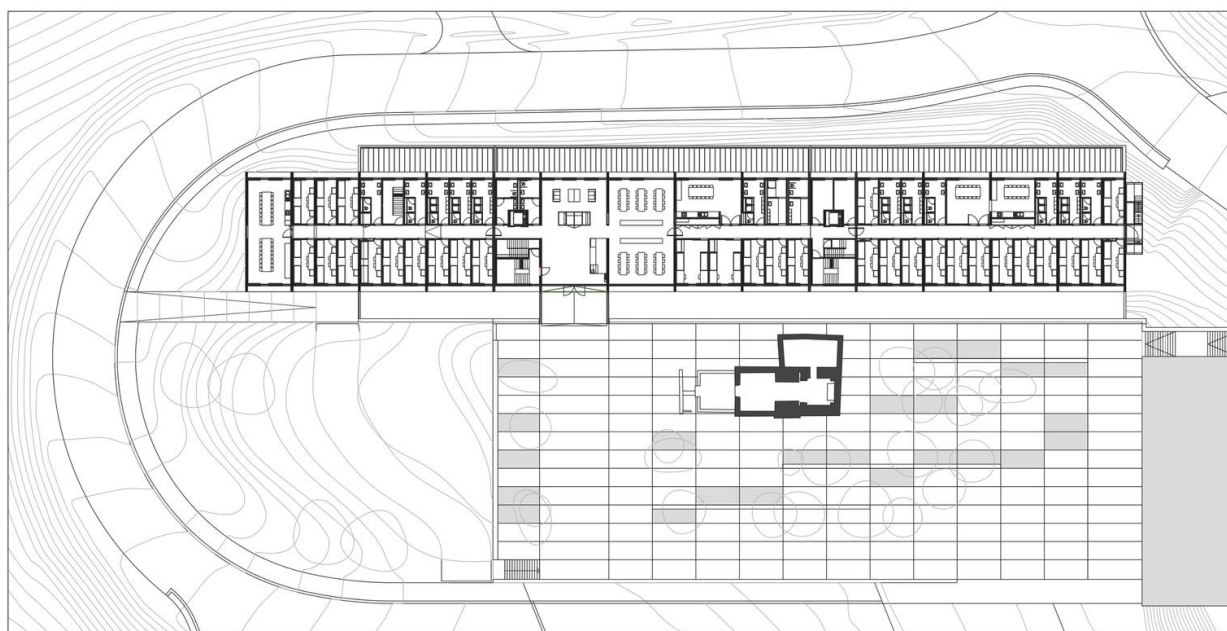
No Piso R/Chão situam-se também a receção, sala de informática, área técnica e copa. Enquanto as zonas de alimentação, ficam reservadas ao Piso 1.

O edifício conta ainda com uma cave, onde situam-se os balneários e área técnica.

A obra distingue-se fundamentalmente pela racionalização de custos sem prejuízo da sua qualidade espacial e plástica.



Figura 36 – Residência Universitária Pólo III



ground floor plan

Figura 37 – Residência Universitária Pólo III – Planta Piso de Entrada



#### **IV. Residência Universitária Pólo III, Universidade de Coimbra**

A residência de estudantes, inaugurada em 2007, foi projetada pela arquiteta Paula Santos, estando localizada no extremo oeste do Pólo III da Universidade de Coimbra. Com capacidade de acomodar 166 alunos, conta com uma área de 5300m<sup>2</sup>, com alas femininas e alas masculinas.

Todo o edifício teve a particularidade de ser projetado tendo em conta o forte declive do terreno, sendo a residência desenhada em dois volumes simétricos, desfasados no sentido do declive do terreno de forma a encontrar uma adaptação coerente e diluindo o impacto da dimensão do edifício.

Dessa forma, a volumetria do edifício é composta por quatro pisos, dois em cada corpo desfasado. O volume superior encontra-se próximo à praça e o volume inferior mais afastado através de um muro de suporte, formando assim um pátio parcialmente coberto pelo volume superior, permitindo assim a iluminação e ventilação dos dois pisos inferiores ao nível da praça.

Os alçados são compostos de painéis de betão e caixilhos que criam um ritmo de aberturas, deixando identificar para o exterior as áreas comuns através do uso de cores fortes na paredes e pisos.

A entrada do edifício funciona como receção e área social, com acesso direto às salas de estudos, elevadores, escada e corredor. Está localizada no terceiro piso do edifício, marcada por uma ponte que faz ligação à praça.

O edifício é dividido em módulos de unidades habitacionais independentes, três em cada piso. Sendo que cada unidade é composta por um conjunto de quartos, 6, 8 ou 18 quartos com cerca de 14,80m<sup>2</sup>, com acesso a cozinha, sala, casa de banho, elevador e escadas.

Os espaços que compõem cada unidade são separados por um corredor central de distribuição, que separa lateralmente o espaço de uso pessoal e coletivo do espaço de uso privado.

Apesar do forte impacto que o corredor provoca na planta por atravessar a totalidade do piso, este permite uma sucessão de acontecimentos ao longo do seu percurso, promovendo o contacto social e a unificação de todos espaços.

Desta forma, entende-se assim a importância do corredor, que neste caso é muito mais que um espaço de circulação, é um espaço de interação e o convívio entre os estudantes.



Figura 38 – Edifícios a demolir

## **CAPÍTULO V – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

### **V.1. A Intervenção**

Para o desenvolvimento da proposta de intervenção, realizou-se visitas presenciais ao terreno, de forma a avaliar o estado do preexistente, o seu uso atual, e qual o valor destes no futuro do conjunto edificado.

Dessa forma considerou-se que se devia de preservar a Antiga Fábrica Confiança, pois para além de estar em processo de classificação como monumento de interesse público, representa a época industrial de Braga, ainda bem presente na memória dos bracaraenses.

Por outro lado, a demolição dos restantes corpos era fundamental para a concretização da proposta, uma vez que nenhum destes representa qualquer valor arquitetónico.

É proposto então a demolição dos anexos de expansão da fábrica e dos edifícios habitacionais, que se encontram na sua maioria em ruína ou desocupados.

E dos pavilhões, que ainda que estejam preservados e em funcionamento, o seu desaparecimento irá possibilitar toda uma requalificação ao quarteirão, valorizando ainda mais aquela área e a sua envolvência.

Em contraposição, nascem cinco novos corpos, que vão criar a ideia de limite do quarteirão, apesar de não ser fechada nem limitada por muros ou portões, criando no seu centro uma praça, possibilitando desta forma uma interligação entre os edifícios.

Os edifícios destinados à criação de uma incubadora de indústrias, encontram-se bem articulados com a envolvência e com bons acessos rodoviários, nomeadamente com transportes públicos, estando localizada a paragem de autocarro de frente à fábrica Confiança, e com estacionamento exteriores e interiores projetados nesta proposta, para um total de 138 automóveis.

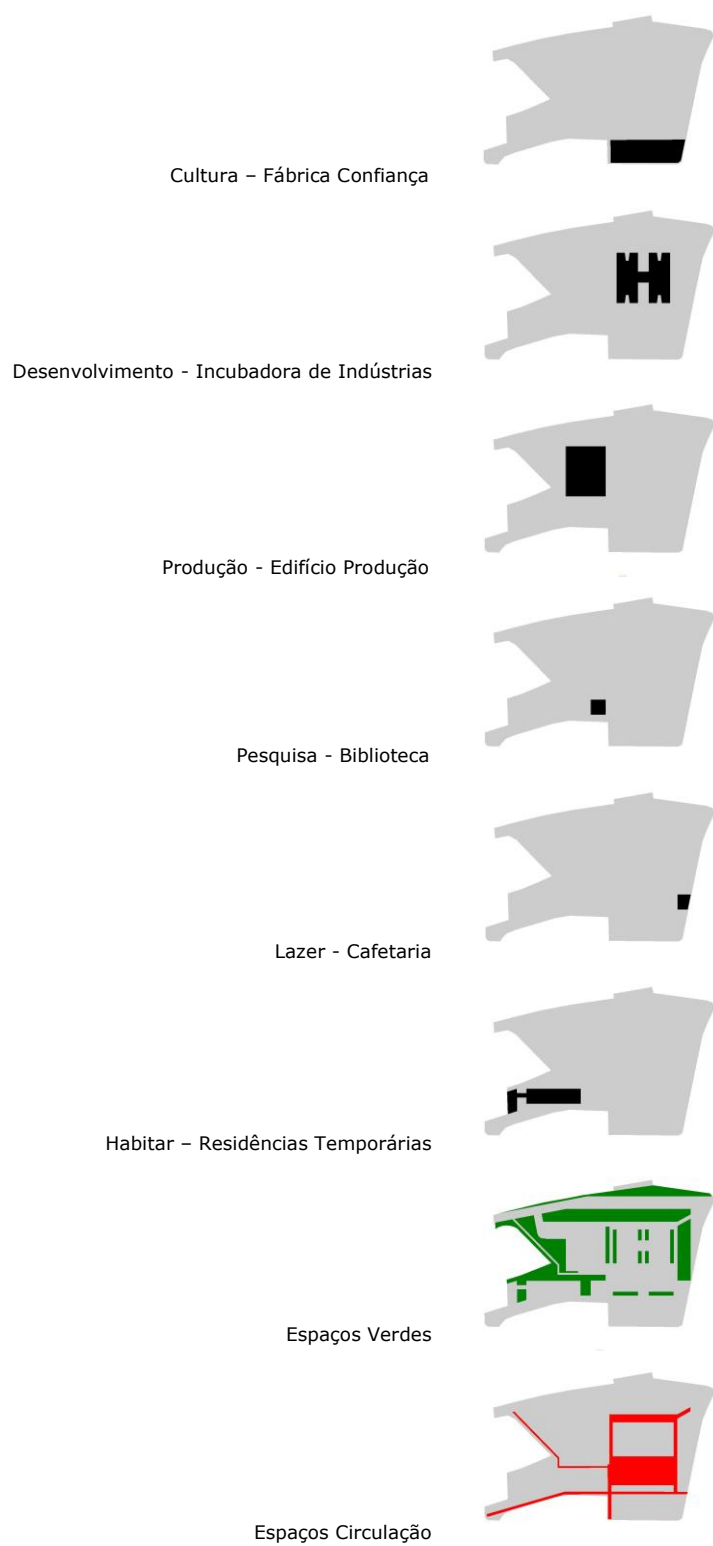


Figura 39– Diagrama distribuição programático

## **V.2. O Programa**

Na análise da envolvimento da área de intervenção, verificou-se a proximidade da mesma ao Laboratório Ibérico Internacional de Nanotecnologia e ao Campus da Universidade do Minho, sendo reconhecida a importância de criar um espaço que relacionasse os estudos académicos, a pesquisa e o mercado de trabalho.

O projeto foi desenvolvido no sentido de dotar o lugar com um conjunto de equipamentos necessários à incubação de indústrias, permitindo dar uma nova vida ao lugar e dotar de motivos de interesse para ser inserido num circuito cultural mais vasto, dada a sua localização privilegiada na cidade.

A proposta visa promover, ainda, várias ações de melhoramento de qualidade de vida da zona envolvente da área de intervenção, entre elas a requalificação e criação de ruas e dotação de espaços abertos ao público.

Dessa forma, a proposta pode ser sintetizada nos seguintes pontos de intervenção:

- Requalificação da Rua São Victor-O-Velho, que vai permitir a ligação à Rua do Pulo. A requalificação passará também por aplicar um material diferente no seu piso, de forma a preservar a memória da antiga estrada romana, que acreditasse que passasse algures naquele lugar, fazendo a ligação de Braga a Chaves.
- Criação de uma nova rua à cota superior do terreno, que faz a ligação da Avenida Padre Júlio Fragata com a Rua Quinta da Armada, permitindo a delimitação do quarteirão e cria uma separação entre o quarteirão e o edifício comercial Braga Parque;
- Criação de espaços verdes, percursos pedonais e estacionamento interiores e exteriores;
- Reabilitação da antiga fábrica Confiança, respeitando a história e preservando a arquitetura das suas fachadas, dando-lhe um novo uso como espaço cultural;
- Dotação de espaços de apropriação livre no interior do conjunto, nomeadamente, ruas pedonais, espaços verdes, praça, biblioteca, cafetaria e espaço cultural.

No total, o conjunto edificado é composto por 6 núcleos funcionais: Espaço Cultural, Incubadora de Indústrias, Espaço de Produção, Biblioteca, Cafetaria e Residências Temporárias.

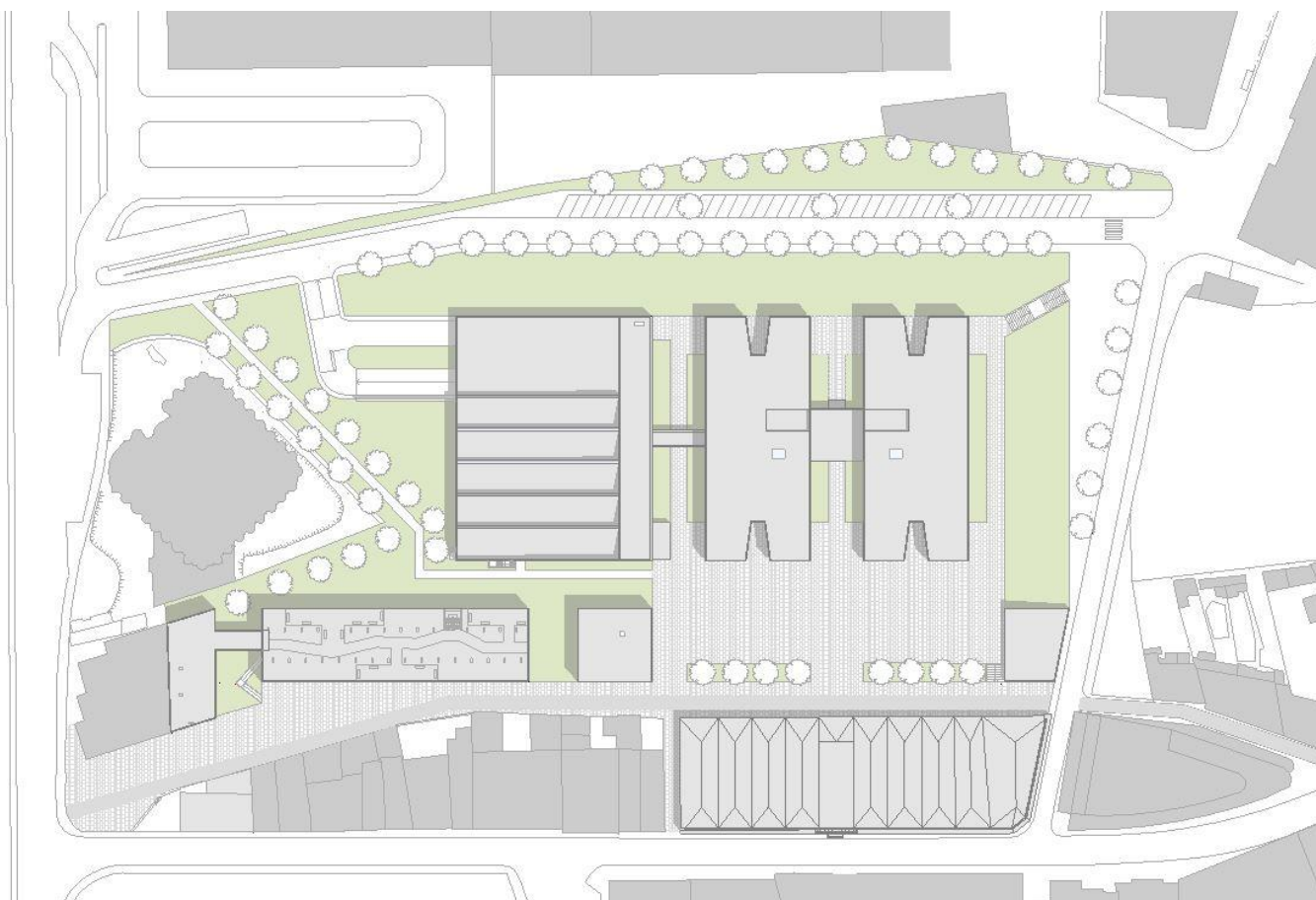


Figura 40 – Proposta planta implantação

## **A. Fábrica Confiança**

No edifício da antiga Fabrica Confiança, propõem-se a criação de um espaço cultural, onde podem ser realizados vários tipos de atividades, desde exposições, conferências, espetáculos, bem como complemento à Incubadora de Indústrias, onde podem ser realizadas apresentações e demonstrações dos projetos nelas desenvolvidos.

Para isso propõem-se reabilitar o edifício com os requisitos mínimos e funcionais necessários ao funcionamento ao público. Tendo como programa - foyer, receção/bilheteira, loja, instalações sanitárias, sala de exposições, salas polivalentes, balneários, arrumos, cafetaria, zonas administrativas e área técnica.

Partindo da análise do pré-existente do edifício, e para manter a memória deste edifício, não se achou necessário manter todos os elementos que o constituem. Como atitude de projeto, no seu interior manteve-se todas as paredes estruturais do edifício, demolindo os elementos que se considerou não serem essenciais.

A fachada principal e as laterais foram preservadas. A fachada norte sofreu algumas intervenções, uma vez que esta era confinante aos edifícios anexos à fábrica. Com a proposta de demolição dos anexos, conseguiu-se uma fachada livre, permitindo a criação de novas aberturas de vãos, que respeitaram um ritmo idêntico aos vãos da fachada principal.

O edifício está disposto em 2 pisos diferentes, sendo corpo central do edifício, onde se situa a entrada, continua a ser o elemento de recepção e de distribuição do edifício. Este espaço vazio com pé direito duplo, que dá forma a um átrio, cria uma transparência da entrada principal do edifício para a fachada norte. Uma vez que este, agora, passa a ter duas entradas, uma a sul, pela fachada principal do edifício na rua Nova de Santa Cruz e a outra a Norte, pela praça. Este corpo, divide também, o edifício em dois corpos distintos, o corpo a oeste, destinado a sala de exposições e o outro corpo, a este, destinado ao restante programa, estando ligados no piso 1 por uma passagem superior.

Além da sala de exposições, é proposto mais 6 salas polivalentes para o mais variado leque de atividades. No rés-do-chão é proposto 5 salas polivalentes, com aproximadamente 77m<sup>2</sup> cada. Podendo dar versatilidade a estas salas, quatro destas salas estão divididas por painéis moveis, em que se podem transformar em duas salas de aproximadamente 150m<sup>2</sup>, ou então em uma sala de 346m<sup>2</sup>. No piso 1 é proposto uma sala polivalente de 350m<sup>2</sup>.





A estrutura em treliça do telhado, em aço, foi mantida, substituindo a cobertura em painéis de fibrocimento por uma cobertura em painel sandwich e telha marselha.

## **B. Edifício Incubadora de Indústrias**

A Incubadora Indústrias apresenta-se como um espaço de proximidade para o apoio ao desenvolvimento de projetos de negócios e criação de empresas, orientada para toda a comunidade académica como para comunidade externa e público em geral.

Tem como objetivo identificar, incubar, acelerar e fazer crescer ideias criativas transformando-as em projetos inovadores e estruturados para liderar o mercado de indústrias criativas e tecnológicas.

O edifício, tem uma área de implantação 2.709m<sup>2</sup>, é composta por dois corpos de três pisos acima da cota de soleira, interligados por um corpo central ao nível do piso 0, que serve de hall de entrada e de zona de receção, fazendo simultaneamente a distribuição para os dois corpos destinados às áreas de incubação de indústrias.

Este espaço tem entrada principal pela praça, estando a porta de entrada localizada no mesmo eixo das entradas da Fábrica Confiança.

A incubadora de Indústrias é composta foyer de entrada, receção, salas administrativas, 43 sala de incubação, 4 sala de coworking, 6 salas de reuniões, sala lounge, copa, instalações sanitárias, servidor, arrumos e áreas técnicas.

O edifício, estruturalmente, é composto por pilares de betão e vigas metálicas. A lajes do edifício são lajes mistas. As paredes interiores e exteriores são em estrutura metálica. O revestimento exterior do edifício é em tijolo face á vista.

## **C. Edifício produção**

O espaço de produção está localizado paralelamente a oeste à Incubadora de indústrias, com entrada principal pela Praça, tendo ligação com a incubadora através de uma passagem superior.

Tem como função ser um espaço complementar à incubadora, onde pode receber o mais variado leque de atividades de produção, que as indústrias sediadas na incubadora possam produzir/construir as ideias que tenham desenvolvido.



Tem 2526m<sup>2</sup> de área de implantação e é composto com um piso abaixo da cota de soleira destinado a estacionamento, e dois pisos acima da cota de soleira.

Este espaço tem como programa - recepção, sala convivo, balneários, instalações sanitárias, espaço produção, armazém/deposito, zona cargas e descargas, área técnica, 6 salas de trabalho, 1 sala de reuniões e estacionamento para 98 automóveis.

A nave de produção tem 1388m<sup>2</sup> livres, com possibilidade de subdivisão em outros espaços. O espaço é iluminado naturalmente através de luz zenital da cobertura bem como por 3 grandes vãos na fachada oeste, que tem vista para a área verde envolvente.

O edifício é maioritariamente em estrutura metálica. No piso -1, as paredes são em betão armado, bem como os pilares que suportam a laje fungiforme do rés-do-chão. Nos pisos superiores, as paredes interiores e exteriores são também em estrutura metálica, à semelhança da Incubadora de Indústrias as paredes exteriores deste edifício também são revestidas com tijolo face à vista

#### **D. Biblioteca**

A biblioteca é um volume independente integrado na praça, que tem como função maioritariamente dar apoio à Incubadora de Indústrias, mas também é aberto à população em geral da zona. Tem uma área de implantação de 289m<sup>2</sup> e é composta por 3 pisos acima da cota de soleira. A entrada da biblioteca é feita pela praça e tem como programa - entrada, recepção/atendimento, cacifos, zona leitura informal, periódicos do dia, zona multimédia, videoteca, instalações sanitárias, acervo, zonas de consulta, salas administrativas.

Todos os pisos são de consulta e acesso ao público em geral, sendo que no último piso uma parte está destinada à administração.

É um edifício de planta quadrangular, com estrutura de betão armado que fica à vista. No seu interior, tem na caixa de escadas e elevador como o elemento central, organizador e distribuidor do edifício.

#### **E. Residências Temporárias**

As residências temporárias foram pensadas e projetadas como complemento habitacional para aquele lugar para colmatar a falta de oferta de quartos para estudantes, professores e investigadores.



Localizada na rua de S. Vítor-o-Velho, sendo a sua entrada por essa mesma rua. O edifício é constituído por dois volumes distintos, um que faz o remate com a empena de um edifício já existente, e o outro implantando no alinhamento da biblioteca, que faz a delimitação da rua se S. Victor-o-Velho. Os dois volumes estão interligados por um corpo envidraçado onde estão localizados 2 elevadores que fazem a distribuição vertical.

As residências temporárias têm como programa – 90 quartos individuais de 23,60m<sup>2</sup> com casa de banho privativa e kitchenette e 12 apartamentos do tipo T1 com áreas entre os 46,66m<sup>2</sup> e os 53m<sup>2</sup>, receção, salas de gestão e administração, sala de convívio, sala de jogos, sala de estudo, ginásio, balneários, lavandaria, bicicletário, instalações sanitárias, sala pessoal limpeza, armazém de rouparia, sala contentores do lixo, área técnica, terraço jardim.

O volume que faz o remate com a empena de um edifício habitacional já existente, tem 5 pisos acima da cota de soleira. No seu rés-do-chão está localizado a lavandaria, bicicletário, sala contentores do lixo. Os pisos 1, 2, 3, e 4 são de plantas iguais, e estão localizados os apartamentos do tipo t1 como também uma sala de convívio.

O outro volume em forma de paralelepípedo, com 61,20m de comprimento é composto por 4 pisos acima da cota de soleira, sendo a sua cobertura terraço jardim. No rés do chão estão localizados todos os outros programas de uso comum, receção, sala de convívio geral, sala de estudo, sala de jogos, ginásio, balneários, instalações sanitárias, bem como salas da administração e do pessoal de limpeza e área técnica. Os pisos 1, 2 e 3 são de planta iguais, onde contem 30 quartos por piso, em que a distribuição do edifício é feita por um corredor central que abrange todo o seu comprimento. Na cobertura deste volume, foi projetado um terraço jardim que é acessível a todos os residentes.

Sendo a sua localização privilegiada, estando a menos de 1km da Universidade do Minho e do INL (Laboratório Ibérico Internacional de Nanotecnologia) e a 1,5km do centro histórico, decidiu-se dar preferência à mobilidade pedonal e de bicicleta não criando estacionamento automóvel.

O projeto apresenta uma certa simplicidade nas suas soluções formais, marcadas por linhas retas, formas puras e volumes bem definidos.

O edifício é de estrutura de betão e paredes em alvenaria de tijolo. O piso rés-do-chão será revestido no seu exterior a cerâmico e nos pisos superiores rebocado e pintado em tinta de areia.



## **F. Cafeteria**

A cafeteria é um espaço independente localizado a Este da área de intervenção. Tem uma área de implantação de 224m<sup>2</sup> para dois pisos acima da cota de soleira. Tem a função de ser um espaço de lazer complementar a todo a envolvente programática. Pretende-se que este espaço além de servir os edifícios envolventes, torne a praça um lugar de estar com aa extensão da cafeteria para o exterior através de esplanadas atraindo para o local todo o publico em geral.

## **G. Praça**

A praça foi o elemento estruturante para o desenvolvimento deste projeto.

É uma praça de planta livre de forma regular, definida a sul pela Fábrica Confiança, a norte pelo edifício da incubadora de indústrias, a oeste pela biblioteca e a Este pela cafeteria. Tem a função urbana que acolher a interligação dos edifícios envolventes e constituindo também um espaço de descompressão de uma zona de circulação pedonal. É um espaço público que vive da relação estabelecida com os edifícios envolventes, bem como um espaço de estar, e um espaço onde poderão ser realizadas vários tipos de atividades.

O tratamento do espaço publico é de grande simplicidade, o pavimento aplicado consiste em lajetas de granito ligeiramente desalinhadas, que é um material que resistente às agressões do tempo e capaz de receber elevadas cargas, e que se enquadra na lógica dos materiais prediletos da cidade de Braga.



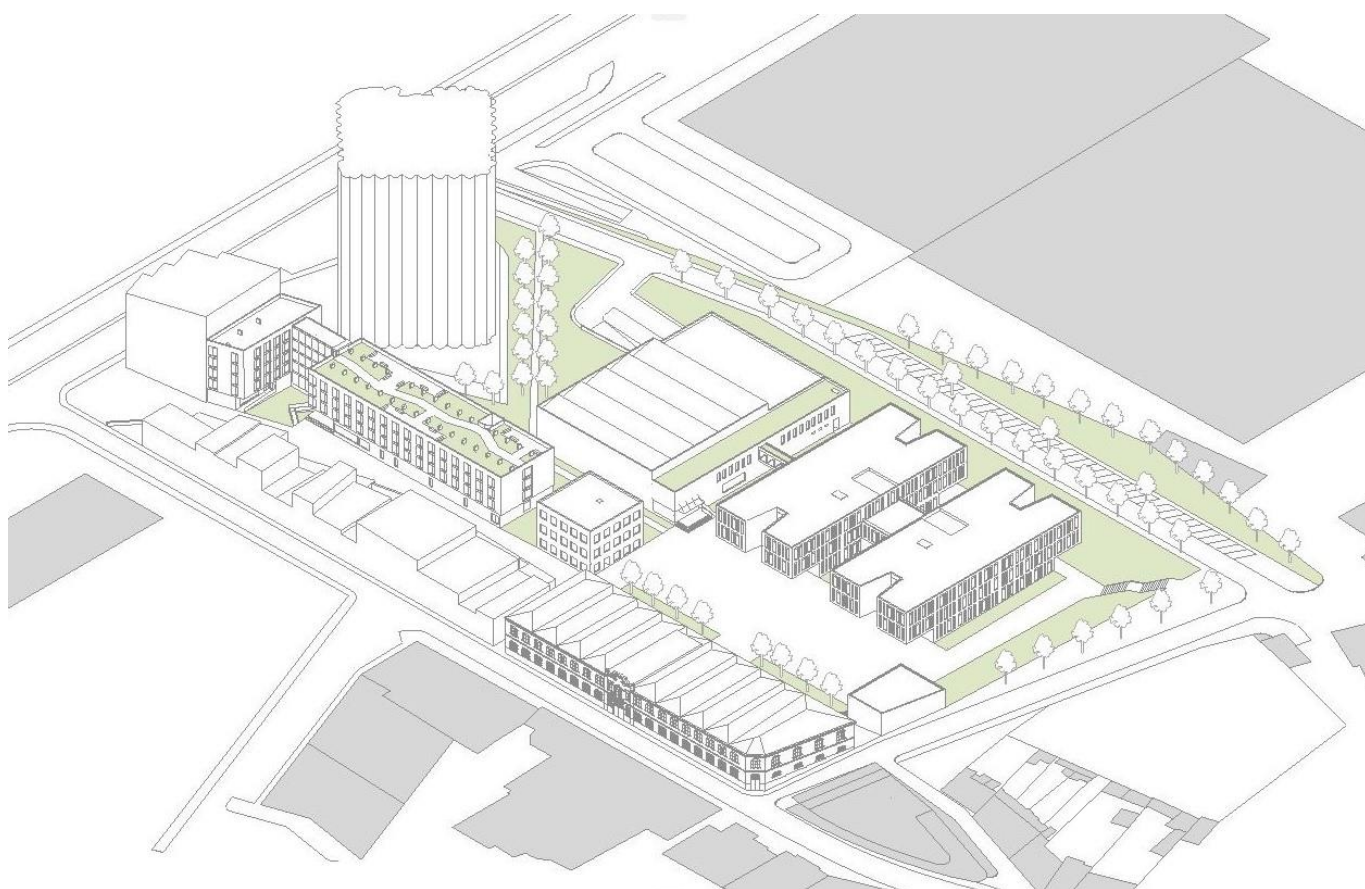


Figura 41 – Axonometria

## CONCLUSÃO

A Revolução Industrial, trouxe consigo, um progressivo desenvolvimento técnico, com necessidades espaciais específicas, fazendo com que os territórios industriais tivessem que acompanhar esta evolução ao longo do tempo.

Assistiu-se durante a Segunda Revolução Industrial à descentralização industrial, uma vez que os núcleos urbanos não tinham mais capacidade de suportar o crescimento da indústria.

Devido ao deslocamento da produtividade para os arredores das cidades, muitas fábricas são desativadas, deixando no seu lugar edifícios obsoletos e devolutos.

Estes edifícios para além de fazerem parte integrante da imagem e da caracterização do Lugar onde estão inseridos, também apresentam qualidades arquitetónicas da época industrial, sendo portadores de histórias e memórias.

O abandono destes lugares deu origem a vazios urbanos nos centros das cidades, com fábricas e zonas envolventes devolutas e deterioradas, afastando a população do seu próprio património.

A requalificação e reconversão de edifícios industriais é um tema recorrente na atualidade, com o objetivo de regenerar as zonas centrais antigas e degradadas, através da implementação de novos usos, dando à população uma nova possibilidade de viver a cidade e o lugar.

Com este trabalho, pretendeu-se dar um novo uso à Antiga Fábrica Confiança e sua envolvente, atribuindo um novo programa funcional que se ajustasse ao lugar.

Respondeu-se a esta problemática com o desenvolvimento de uma incubadora de indústrias complementada com outros equipamentos, nomeadamente, espaço cultural, biblioteca, residências temporárias e cafetaria.

Sendo uma área de intervenção bastante abrangente com vários edifícios, foi adotada a solução de criação de uma praça, de forma a criar um núcleo central no quarteirão e interligar os edifícios.

O conteúdo programático proposto teve em conta a envolvente da área de intervenção, valorizando a proximidade à Universidade do Minho e ao Centro Nanotecnologia, que permitirá aos recém-licenciados terem as infraestruturas necessárias para desenvolverem os seus projetos na cidade de Braga, bem como, possibilitará os restantes Bracarenses a usufruírem dos espaços de lazer e de cultura.



Desta forma garantiu-se o cumprimento dos objetivos propostos inicialmente, preservando a memória da Fábrica Confiança e revitalizando toda a área de intervenção

Concluo dizendo que este exercício foi uma oportunidade para perceber que a arquitetura de hoje face à arquitetura industrial herdada, consiste na ação reconciliadora entre o construir na sua contemporaneidade e a necessidade de preservar a sua memória, para que seja garantido a estes conjuntos a sua existência no tecido urbano e na memória de todos, usufruindo do espaço que foi no passado, e continua a ser no presente e futuro.



## **BIBLIOGRAFIA**

### **Livros:**

Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, 2011 - A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal. História da vida privada em Portugal. Lisboa: Círculos de Leitores

Carlos Leite e Juliana di Cesare Marques, 2012 – Cidades sustentáveis, cidades inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano. Porto Alegre: Bookman

Eduardo Pires de Oliveira, 2001 - A Freguesia de S. Victor. Braga: Junta de Freguesia de São Victor

Fábio Duarte, 1999 – Arquitetura e tecnologias de informação: da revolução industrial à revolução digital Vol. 97. Annablume: Editora da Unicamp

Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005 – O lugar da indústria no território, A arquitectura da indústria , 1925-1965. Barcelona: Registo Docomomo Ibérico

José M. R. Garcia Lamas (2004). Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. 3ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.

José Manuel Fernandes, 2003 – Arquitectura e Indústria em Portugal no Século XX. Lisboa: Ed. Secil

Le Corbusier. 1993. A carta de Atenas. São Paulo: Hucitec.

Leonardo Benevolo, 1987 – As origens da urbanística moderna. Lisboa: Coleção Dimensões

Maria do Carmo Franco Ribeiro e Arnaldo Melo, 2012 - Evolução da paisagem urbana: sociedade e economia. Braga: CITCEM

Maria do Carmo Franco Ribeiro e Arnaldo Melo, 2013 - Evolução da paisagem urbana: transformação morfológica dos tecidos históricos. Braga: CITCEM

Nuno Coelho, 2017 – Uma História de confiança. Braga: Tinta da China

Renato Saboya, 2008 – Ebenezer Howard e a Cidade-Jardim. Urbanismo, Planejamento Urbano e Planos Diretores. São Paulo: Urbanidades

Ricardo Méndez Inmaculada Caravaca, 1996, Organización industrial y territorio. Col. Espacios e Sociedades. Madrid: Editorial Síntesis

Peter Hall, 2009 - Cidades do amanhã – Uma história intelectual no Planejamento e do Projeto Urbano no século XX. 1ª Edição. São Paulo: Perspectiva

Marcelo Puppi, Rogerio de Castro Oliveira, e Carlos Eduardo Dias Comas, 2008 - Espaços inacabados: Le Corbusier, Lúcio Costa e a saga da casa do Brasil, 1953-56. Arqtexto. n. 12. Porto Alegre: PROPAR





### **Teses:**

Mafalda Isabel Mendes Guimarães, 2014 - Industrial heritage in Northern Portugal. The example of Fábrica Confiança (Tese de Mestrado). Universidade do Minho

Ana Margarida Fernandes Oliveira, 2013 – Projectar com o lugar: Intervenção no Antigo Edifício da Saboaria e Perfumaria Confiança (Tese de Mestrado). Universidade de Lisboa

Frederico Alves, 2014 – Dicotomia luz/sombra na caracterização da imagem exterior do edifício em Alvar Aalto (Tese de Mestrado). Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes

Nuno Coelho, 2013 – O Design da Embalagem em Portugal no século XX – Do funcional ao simbólico – O estudo de caso da Saboaria e Perfumaria Confiança (Tese de Doutoramento). Universidade de Coimbra

Pedro Miguel de Sá Queirós, 2017, Do colectivo para o particular – A apropriação do espaço em três residências universitárias de Coimbra ( Tese de Mestrado) Universidade de Coimbra

### **Artigos em revistas:**

Arturo Franco Diaz, Ana Navarro Bosch, e Nuria Salvador Luján, 2015 – “A Obra Nasce”. Revista de Arquitectura e Urbanismo da Universidade Fernando Pessoa nº 10, Dezembro

### **Artigos em jornais:**

Ana Ferreira, 2017 – “A Confiança já tem uma biografia. E os seus sabonetes dão aulas de história e design”, Observador. 12/05/2017

Nuno Coelho, 2019. A confiança perdida é difícil de recuperar. Jornal Arquitetos. Lisboa: 01/2019

Rute Fonseca, 2018 – “Após 100 anos de História, alienação da fábrica Confiança é decidida esta quarta-feira”, TSF. 19/09/2018

### **Documentos legislativos:**

Regulamento PDM da Câmara Municipal de Braga



**Web Grafia:**

<https://www.archdaily.com/tag/madrids-matadero>

<https://www.archdaily.com.br/br/874926/residencia-de-estudantes-da-universidade-de-coimbra-paula-santos>

<https://www.ipn.pt>

<http://www.jornalarquitectos.pt/pt/forum/cronicas/a-confianca-perdida-e-difícil-de-recuperar>

<https://www.juntasvictor.pt>

<https://cm-braga.pt>

<https://www.mcvv.pt>

<https://www.tsf.pt/sociedade/apos-100-anos-de-historia-alienacao-da-fabrica-confianca-e-decidida-esta-quarta-feira-9872922.html>

<https://observador.pt/2017/05/12/a-confianca-ja-tem-uma-biografia-e-os-seus-sabonetes-dao-aulas-de-historia-e-de-design/>



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista aérea Vitra Campus Weil am Rhein, Alemanha

Fonte: <https://www.inexhibit.com/case-studies/vitra-campus-architecture-collection/>

Figura 2 - Interior de fábrica na época da 1ª Revolução Industrial

Fonte: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/primeira-revolucao-industrial>

Figura 3 – Ilustração de Philipp Jakob Louthembourg representando a cidade britânica Coalbrookdale, considerada um dos berços da Revolução Industrial

Fonte: <https://www.tes.com/lessons/Oj4eNT2V2L0LTw/industrial-revolution>

Figura 4 – 2ª Revolução Industrial, desenvolvimento da indústria automóvel

Fonte: <https://conhecimentocientifico.r7.com/segunda-revolucao-industrial/>

Figura 5 – Cruzamento das ruas Dearborn e Randolph em Chicago no século XIX

Fonte: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/primeira-revolucao-industrial>

Figura 6 – LetchWorth, Vista aérea da primeira cidade-jardim efetivamente construída

Fonte: <https://heritagecalling.files.wordpress.com/2016/02/aerial-view-of-leitchworth.jpg?w=640&h=427>

Figura 7 – Exterior da Fábrica AEG de Peter Behrens

Fonte: <https://www.metalocus.es/en/news/aeg-turbine-factory-milestone-industrialization>

Figura 8 – Interior da Fábrica AEG de Peter Behren

Fonte: <https://www.metalocus.es/en/news/aeg-turbine-factory-milestone-industrialization>

Figura 9 – Vista aérea da cidade de Brasília, Lúcio Costa

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=30867016>

Figura 10 – Vista aérea da Cidade de Chandigarh

Fonte: <https://hiwaycabs.com/chandigarh-city-tour/>

Figura 11 – Silicon Valley – Califórnia, EUA

Fonte: <https://www.nit.pt/fora-de-casa/na-cidade/esta-volta-concurso-da-edp-leva-jovens-universitarios-silicon-valley>

Figura 12 – Planimetria geral do território de Braga desde a época romana até à idade média, com indicação da Via XVII

Fonte: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Planimetria-geral-do-territorio-desde-a-epoca-romana-ate-a-Idade-Media-23\\_fig1\\_279881333](https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Planimetria-geral-do-territorio-desde-a-epoca-romana-ate-a-Idade-Media-23_fig1_279881333)

Figura 13 – Planta cidade Braga entre 1914 e 1960 com indicação do Local de intervenção

Fonte – Tese de Ana Margarida Fernandes Oliveira, 2013 – Projectar com o lugar: Intervenção no Antigo Edifício da Saboaria e Perfumaria Confiança, página 67

Figura 14 – Planta da Cidade de Braga com a localização do local de intervenção e Pontos de Interesse

Fonte: Google Maps e editada pelo autor

Figura 15 – Área de intervenção

Fonte: Google Maps

Figura 16 - Vista da área de intervenção

Fonte: Google Maps



Figura 17 – Imagens área intervenção

Fonte: Fotografias do autor e google

Figura 18 – Edifício da Fábrica Confiança, 1910

Fonte: <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/forum/cronicas/a-confianca-perdida-e-dificil-de-recuperar>

Figura 19 – Fachada Principal Fábrica Confiança, 1922

Fonte: <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/forum/cronicas/a-confianca-perdida-e-dificil-de-recuperar>

Figura 20 – Fábrica Confiança oficina de acabamentos, 1928

Fonte: <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/forum/cronicas/a-confianca-perdida-e-dificil-de-recuperar>

Figura 21 – Fábrica Confiança, casa das máquinas 1928

Fonte: <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/forum/cronicas/a-confianca-perdida-e-dificil-de-recuperar>

Figura 22 – Vista aérea da Fábrica Confiança, 1955

Fonte: <https://vilanovaonline.pt/2018/10/02/braga-patrimonio-braga-para-todos-e-nos-cidadaos-comprar-a-confianca-foi-um-erro-o-importante-e-manter-a-sua-memoria/>

Figura 23 – Página do jornal Diário do Minho de 28 fevereiro 2012

Fonte: <https://www.facebook.com/salvarafabricaconfianca/photos/a.156675654432186/202517473181337>

Figura 24 – Página Jornal Publico 15 novembro 2018

Fonte: <https://www.facebook.com/salvarafabricaconfianca/photos/a.1542033705896367/1592055690894168>

Figura 25 – Página Jornal Publico 3 julho 2019

Fonte: <https://www.facebook.com/salvarafabricaconfianca/photos/a.1542033705896367/1914697778629956>

Figura 26 – Cartaz do Movimento salvar a fábrica confiança

Fonte: <https://www.facebook.com/salvarafabricaconfianca/photos/a.156530414446710/1563949303704807>

Figura 27 – Vista fachada principal Fábrica Confiança estado atual

Fonte: Fotografia do autor

Figura 28 – Vista fachada tardoz Fábrica Confiança estado atual

Fonte: Fotografia do autor

Figura 29 – Imagens interior Fábrica Confiança

Fonte: Fotografias do autor e do google

Figura 30 – Matadero Madrid, Fachadas estilo Neo Mudéjar

Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Matadero\\_Madrid#/media/File:Matadero\\_Madrid.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Matadero_Madrid#/media/File:Matadero_Madrid.jpg)

Figura 31 – Matadero Madrid, Implantação do setor sul do conjunto

Fonte: Arturo Franco Diaz, Ana Navarro Bosch, e Nuria Salvador Luján, 2015 – “A Obra Nasce”. Revista de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Fernando Pessoa nº 10, Dezembro

Figura 32 – Matadero Madrid, Pavilhão 17C Caixa composta por perfis de aço e vidro

Fonte: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/723647/intermediae-matadero-madrid-arturo-franco/017-11>





Figura 33 – Matadero Madrid, Pavilhão 17C Intermediae

Fonte: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/723647/intermediae-matadero-madrid-arturo-franco/017-11>

Figura 34 – Incubadora de Empresas do Instituto Pedro Nunes, Átrio de Entrada

Fonte: <https://www.ipn.pt/incubadora/espaco>

Figura 35 – Incubadora de Empresas do Instituto Pedro Nunes, Sala de Incubação

Fonte: <https://www.ipn.pt/incubadora/espaco>

Figura 36 – Residência Universitária Pólo III

Fonte: [https://www.archdaily.com.br/br/874926/residencia-de-estudantes-da-universidade-de-coimbra-paula-santos/595964eab22e38225300017e-residencia-de-estudantes-da-universidade-de-coimbra-paula-santos-foto?next\\_project=no](https://www.archdaily.com.br/br/874926/residencia-de-estudantes-da-universidade-de-coimbra-paula-santos/595964eab22e38225300017e-residencia-de-estudantes-da-universidade-de-coimbra-paula-santos-foto?next_project=no)

Figura 37 – Residência Universitária Pólo III – Planta Piso de Entrada

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/874926/residencia-de-estudantes-da-universidade-de-coimbra-paula-santos/5959660ab22e382253000180-residencia-de-estudantes-da-universidade-de-coimbra-paula-santos-planta>

Figura 38 – Edifícios a demolir

Fonte: Google Maps, editada pelo autor.

Figura 39 – Diagrama distribuição programático

Fonte: Autor

Figura 40 – Proposta planta implantação

Fonte: Autor

Figura 41 – Axonometria

Fonte: Autor



## [LOMBADA E ENCADERNAÇÃO]

**Nota:** lombada (nome, título, ano)  
- encadernação térmica -